



Ispas

Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

ENTRE LAÇOS E BEM-ESTAR:
A PERCEÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO DA
FLAMENGA SOBRE O SENTIMENTO DE
COMUNIDADE

Marina Sofia Lopes dos Santos

Orientador de Dissertação:

JOSÉ ORNELAS

Professor de Seminário de Dissertação:

JOSÉ ORNELAS

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor Doutor José H. Ornelas, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

A realização desta dissertação, "Entre Laços e Bem-Estar: A Percepção dos Moradores do Bairro da Flamengo sobre o Sentimento de Comunidade", foi um caminho feito de muitas vozes, olhares e ideias, e não teria sido possível sem a generosidade de todos aqueles que, de uma forma ou de outra, fizeram parte desta jornada.

Ao meu orientador, Professor José Ornelas, pela orientação atenta, pelas palavras certas nos momentos certos, e pelo equilíbrio entre exigência e apoio que me permitiu crescer ao longo desta jornada. À Professora Maria João Vargas Moniz, pelas palavras encorajadoras sempre no momento certo e por acreditar em mim.

Aos meus colegas de Dissertação, agradeço pelo acolhimento e por me fazerem sentir parte e pelas trocas de ideias que ajudaram a moldar o pensamento que aqui se reflete.

Um agradecimento especial aos moradores do Bairro da Flamengo, os verdadeiros protagonistas desta pesquisa. Obrigado, a todos vocês que me acolheram com simplicidade e verdade, por partilharem as vossas histórias, as vossas dores e esperanças. Este trabalho nasce das vossas palavras e é, em grande parte, uma celebração do vosso sentido de pertença e resistência.

Ao meu filho que me fez ser um exemplo e nunca desistir.

Ao meu marido, à minha irmã e aos meus amigos, obrigada pelo amor silencioso, pela força discreta e pela presença constante. A vossa confiança em mim foi sempre uma luz nos momentos de escuridão.

E, por fim, agradeço a mim mesma. Por continuar, mesmo quando o cansaço falava mais alto, por acreditar, mesmo quando duvidava e por saber ouvir, os outros e a mim mesma. Esta caminhada ensinou-me que a resiliência também se escreve com paciência, e que a confiança cresce, palavra a palavra, dia após dia.

A todos e a mim, o meu mais sincero obrigado.

Resumo

A presente investigação teve como objetivo compreender a percepção que os moradores do Bairro da Flamenga têm acerca do seu sentimento de comunidade, analisando de que forma as dimensões de pertença, influência, satisfação de necessidades e ligação emocional partilhada se expressam num contexto urbano de habitação social. Com base no modelo teórico de McMillan e Chavis (1986) e recorrendo ao instrumento *Sense of Community Index 2* (SCI-2) desenvolvido por Chavis, Lee e Acosta (2008), o estudo enquadra-se no campo da Psicologia Comunitária, adotando uma perspetiva ecológica e orientada para o *empowerment* (Ornelas, 1997; Rappaport, 1987).

A amostra foi constituída por 56 residentes do Bairro da Flamenga, localizado na freguesia de Marvila em Lisboa, um território caracterizado por fragilidades socioeconómicas, mas também por uma forte identidade coletiva. Através de uma metodologia quantitativa foi possível analisar as quatro dimensões do sentimento de comunidade e identificar padrões de percepção entre grupos demográficos distintos.

Os resultados evidenciaram valores mais elevados na dimensão Ligação Emocional Partilhada, salientando a relevância dos laços afetivos e da solidariedade entre vizinhos. Por outro lado, a dimensão Influência apresentou os valores mais baixos, indicando uma percepção diminuída de poder e de participação nas decisões que afetam a comunidade local. As dimensões Pertença e Satisfação de Necessidades revelaram resultados intermédios, sugerindo uma comunidade emocionalmente coesa, mas com desafios ao nível da participação cívica.

O estudo confirma a pertinência do modelo de McMillan e Chavis (1986) no contexto português e destaca o papel do sentimento de comunidade como fator promotor de bem-estar e resiliência social. Conclui-se que a valorização do *empowerment* e o reforço da participação comunitária são elementos fundamentais para fortalecer a coesão social e a cidadania ativa no Bairro da Flamenga.

Palavras-chave: Sentimento de Comunidade, Habitação Social, Bairro da Flamenga, Coesão Social e Participação Cívica.

Abstract

This research aimed to understand the perception that residents of the Flamenga neighborhood have about their sense of community, analyzing how the dimensions of membership, influence, fulfilment of needs, and shared emotional connection are expressed in an urban context of social housing. Based on the theoretical model of McMillan and Chavis (1986) and using the Sense of Community Index 2 (SCI-2) developed by Chavis, Lee, and Acosta (2008), the study falls within the field of Community Psychology, adopting an ecological perspective and oriented towards empowerment (Ornelas, 1997; Rappaport, 1987).

The sample consisted of 56 residents from Flamenga neighborhood, located in the parish of Marvila in Lisbon, a territory characterized by socioeconomic vulnerabilities, but also by a strong collective identity. Through a quantitative methodology, it was possible to analyze the four dimensions of the sense of community and identify patterns of perception among distinct demographic groups.

The results showed higher values in the Shared Emotional Connection dimension, highlighting the relevance of affective bonds and solidarity among neighbors. On the other hand, the Influence dimension presented the lowest values, indicating a decrease in the perception of power and participation in decisions that affect the local community. The Membership and Needs Satisfaction dimensions revealed intermediate results, suggesting an emotionally cohesive community, but with challenges in terms of civic participation.

The study confirms the relevance of the McMillan and Chavis (1986) model in the Portuguese context and highlights the role of community feeling as a factor promoting well-being and social resilience. It is concluded that valuing empowerment and strengthening community participation are fundamental elements to strengthen social cohesion and active citizenship in the Flamenga neighborhood.

Keywords: Sense of Community, Social Housing, Flamenga neighborhood, Social Cohesion, Civic Participation.

Índice

Introdução	1
Enquadramento Teórico	4
A Psicologia Comunitária: Fundamentos e Princípios	4
O Conceito de Comunidade	5
O Sentimento de Comunidade	6
Habitação Social em Portugal: Génese, Estigma e Coesão	9
Participação Comunitária e o Contexto da Investigação	11
O Bairro da Flamenga	13
Sentimento de comunidade em Contextos de Habitação Social	15
Método	17
Objetivos e Questões de Investigação	17
Delineamento	18
Participantes	19
Instrumento de Recolha de Dados	19
Procedimentos	21
Análise de Dados	21
Resultados	23
Discussão	33
Conclusões	38
Referências Bibliográficas	40
Anexos	44

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Dados dos CENSOS 2021 em Marvila	13
Tabela 2 – Caracterização dos Participantes	25
Tabela 3 – Consistência Interna dos Instrumentos	27
Tabela 4 – Estatísticas descritivas do sentimento de comunidade no Bairro da Flamenga	28
Tabela 5 – Relações com Variáveis de Escala (Correlação de Spearman)	30
Tabela 6 – Comparação do sentimento de comunidade por género	31
Tabela 7 – Comparação do sentimento de comunidade por participantes em atividades comunitárias	32

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Caracterização sociodemográfica em relação à idade	24
--	----

Introdução

"A comunidade não é o que nos une. É o que somos quando estamos juntos."

Mia Couto

A qualidade de vida em contextos urbanos complexos depende não só das infraestruturas físicas, mas também da rede de relações sociais que une os seus moradores.

A investigação tem demonstrado que o capital social e a coesão comunitária são importantes para a saúde pública, o bem-estar psicológico e a resiliência urbana (Kawachi & Berkman, 2001).

Robert Putnam (1995), no seu trabalho seminal, definiu o capital social como o conjunto de redes e relações de confiança que facilitam a cooperação e o benefício mútuo. Assim, o sentimento de comunidade surge como um elemento essencial na construção de ambientes saudáveis e coesos, particularmente em áreas que enfrentam desafios socioeconómicos e de integração social.

Seymour Sarason (1974) introduziu pela primeira vez o conceito de *sentimento psicológico de comunidade*, descrevendo-o como “a chave para a compreensão dos problemas mais urgentes de uma sociedade, o lado obscuro do individualismo, manifestado na alienação, no egoísmo e no desespero” (p. 157). O autor define este sentimento como a perceção de fazer parte de uma estrutura solidária, disponível e de confiança, onde prevalece o apoio mútuo e o reconhecimento recíproco.

Apesar de reconhecer a dificuldade de integrar este conceito na tradição empírica predominante da psicologia, devido ao seu carácter subjetivo e valorativo, Sarason sublinha que as pessoas “sabem quando o possuem e quando não o possuem”. Inerentes a esta construção psicológica estão as noções de interdependência, responsabilidade partilhada e consciência coletiva, que constituem a base do funcionamento social e comunitário.

No âmbito da Psicologia Comunitária, o sentimento de comunidade é considerado um indicador fundamental de coesão social e bem-estar coletivo, sendo essencial para compreender os processos de participação, *empowerment* e desenvolvimento local (Ornelas, 2008; Nelson & Prilleltensky, 2010).

Estudos empíricos indicam que níveis mais elevados de sentimento de comunidade estão associados a maior satisfação com a vida, menor isolamento social e maior envolvimento cívico (Pretty et al., 2006). Assim, o reforço deste sentimento constitui uma dimensão central das práticas de intervenção comunitária e da promoção da saúde mental em contextos urbanos vulneráveis.

Apesar da sua relevância, o estudo do sentimento de comunidade em contextos de habitação social em Portugal permanece diminuto, sendo uma lacuna significativa no campo da Psicologia Comunitária. Estes bairros, criados com o intuito de responder a necessidades habitacionais prementes, enfrentam frequentemente estigmas socialmente construídos, processos de desqualificação territorial (Wacquant, 2007), falta de recursos e dinâmicas sociais complexas. Estes fatores podem enfraquecer os laços comunitários e acentuar a exclusão social, tornando fundamental compreender as perceções, significados e estratégias de resiliência dos seus moradores perante estas adversidades (Lima, 2016).

O Bairro da Flamenga, localizado na freguesia de Marvila, em Lisboa, foi construído entre 1981 e 1987 e é um excelente exemplo deste tipo de espaço urbano, no qual enfrenta desafios característicos de áreas em transformação e requalificação. Neste contexto, torna-se essencial investigar a experiência subjetiva dos seus moradores, procurando compreender como percebem os laços de pertença, a solidariedade e a influência na vida coletiva.

O presente estudo procura colmatar uma lacuna existente na literatura nacional, ao explorar e descrever o sentimento de comunidade percebido pelos moradores do Bairro da Flamenga. O objetivo principal consiste em compreender de que forma a perceção dos laços comunitários influencia o bem-estar dos moradores e, identificar os fatores que contribuem para a coesão social e aqueles que se constituem como barreiras à sua consolidação.

Com base neste enquadramento teórico e nas especificidades socioculturais do bairro, foram formuladas as seguintes questões de investigação:

1. Qual é a perceção geral dos moradores sobre o seu sentimento de comunidade no Bairro da Flamenga?
2. Quais são os aspetos do bairro mais valorizados pelos residentes e quais os desafios, ou barreiras, identificados para o fortalecimento do sentimento de comunidade?
3. De que forma as dinâmicas sociais e relacionais podem ser fortalecidas para promover maior satisfação, participação e integração entre os moradores?

Compreender o sentimento de comunidade no Bairro da Flamenga, é fundamental para identificar as dinâmicas que moldam a experiência urbana e propor estratégias de intervenção que promovam o bem-estar coletivo. Ao iluminar essas dimensões, este trabalho procura dar voz aos

moradores e evidenciar o potencial das comunidades como catalisadoras de transformação social e de promoção de uma vida urbana mais justa, sustentável e resiliente.

O estudo utiliza uma abordagem quantitativa, com base na aplicação de questionários estruturados construídos a partir da escala *Sense of Community Index 2* (SCI-2), desenvolvida por Chavis, Lee e Acosta (2008). Este instrumento, amplamente validado e utilizado a nível internacional, permite avaliar quatro dimensões fundamentais, satisfação de necessidades, pertença, influência e ligação emocional partilhada, oferecendo uma perspectiva abrangente e comparável do sentimento de comunidade.

A presente dissertação está organizada em cinco capítulos, estruturados de forma a estabelecer uma progressão lógica entre o enquadramento teórico e a reflexão final.

A Introdução apresenta o tema, a sua relevância e os objetivos e questões de investigação.

A Revisão da Literatura aprofunda o enquadramento conceptual do sentimento de comunidade, descrevendo as suas principais dimensões teóricas e contextualizando historicamente os bairros de habitação social em Portugal.

O Método detalha o desenho do estudo, a amostra do Bairro da Flamenga, o instrumento de recolha de dados (SCI-2) e os procedimentos de análise, incluindo a apresentação e interpretação dos resultados obtidos.

A Discussão integra uma leitura crítica dos resultados à luz da literatura existente, abordando as implicações teóricas e práticas, bem como as limitações do estudo e sugestões para futuras investigações e intervenções comunitárias.

Por fim, a Conclusão sintetiza as principais contribuições do trabalho, salientando a sua pertinência científica e social no âmbito da Psicologia Comunitária.

Enquadramento Teórico

O presente capítulo estabelece o quadro conceptual que sustenta a análise da perceção do sentimento de comunidade no Bairro da Flamenga. O estudo das dinâmicas sociais e do bem-estar em contextos de habitação social requer uma abordagem que reconheça o papel determinante do ambiente no desenvolvimento humano e na qualidade de vida. Nesse sentido, este trabalho adota a Psicologia Comunitária como enquadramento teórico principal, sendo uma disciplina vocacionada para a prevenção, o *empowerment* e a compreensão do indivíduo no seu contexto ecológico e social (Ornelas, 1997). Segue-se uma exploração dos fundamentos desta perspetiva, bem como a definição do conceito principal de sentimento de comunidade, indispensável para compreender a coesão social e a capacidade de resolução coletiva de problemas marcado por vulnerabilidades estruturais.

A Psicologia Comunitária: Fundamentos e Princípios

A perspetiva que orienta este estudo, centrado na perceção do sentimento de comunidade dos moradores do Bairro da Flamenga, assenta nos princípios da Psicologia Comunitária. Esta disciplina emergiu na década de 1960 como uma rutura face ao modelo clínico tradicional, deslocando o foco da cura individual para a prevenção e para a promoção do bem-estar coletivo (Rappaport, 1987).

As suas origens remontam à Conferência de Swampscott (1965), nos Estados Unidos, onde um grupo de psicólogos, insatisfeito com a incapacidade do modelo clínico de responder a problemas sociais e estruturais, propôs um novo paradigma de intervenção. Esta nova abordagem privilegiava a prevenção, a consideração do ambiente ecológico e a promoção da saúde mental positiva ao nível comunitário (Sarason, 1974).

Conforme defende Ornelas (1997), a Psicologia Comunitária adota uma perspetiva ecológica, deslocando a atenção do tratamento da doença para a prevenção primária e para o estudo do ajustamento entre os indivíduos e os seus ambientes. Esta abordagem assenta no princípio da interdependência, reconhecendo que qualquer alteração num elemento de um sistema (como o ambiente físico e social de um bairro), inevitavelmente gera mudanças noutros domínios, como o bem-estar psicológico e social dos seus habitantes.

O foco analítico da Psicologia Comunitária orienta-se, assim, para a intervenção comunitária, visando não a remediação de défices individuais, mas a promoção do *empowerment* e a criação de ambientes sociais competentes, capazes de gerar e distribuir recursos que sustentem o desenvolvimento e a satisfação das necessidades dos seus membros.

Em síntese, a Psicologia Comunitária parte do princípio de que a saúde mental e o desenvolvimento humano não podem ser compreendidos isoladamente, mas sempre no contexto das suas comunidades. Entre os seus princípios fundamentais destacam-se:

- **Validação ecológica:** enfatiza a importância de estudar os indivíduos nos seus ambientes naturais, dando voz aos membros da comunidade e assegurando que as intervenções são relevantes e sustentáveis (Sarason, 1974; Ornelas, 1997). O foco desloca-se da patologia individual para a relação entre o indivíduo e o meio social onde está inserido.
- *Empowerment:* constitui o conceito central da disciplina e representa o processo através do qual indivíduos, grupos e comunidades adquirem maior controlo sobre as suas vidas e sobre o seu ambiente (Ornelas, 1997). O sentimento de comunidade é percebido como um recurso psicossocial que reflete a força e a coesão desse meio social.
- **Prevenção primária:** privilegia a intervenção antes da manifestação dos problemas, atuando sobre os determinantes sociais, ambientais e contextuais do bem-estar.

Em Portugal, a Psicologia Comunitária consolidou-se a partir da década de 1980, com um forte destaque na dimensão social e na intervenção em contextos de vulnerabilidade. José Ornelas (2008) defende que o sentimento de comunidade e a participação cívica são pilares das estratégias de mudança social, orientando a intervenção para a promoção da saúde e para o fortalecimento das capacidades coletivas de resolução de problemas. Este enquadramento justifica, assim, a aplicação da Psicologia Comunitária na análise das dinâmicas sociais em bairros de habitação social, onde o contexto exerce um papel determinante no bem-estar dos seus habitantes.

O Conceito de Comunidade

O conceito de comunidade é multifacetado e central para este estudo, exigindo uma clarificação que ultrapasse a mera dimensão geográfica. Numa perspetiva inicial, comunidade refere-se a um território com fronteiras definidas — neste caso, o Bairro da Flamenga (Hillery, 1955). Esta conceção, frequentemente presente nas políticas de habitação social, entende o agrupamento de um coletivo num espaço físico delimitado como resposta a necessidades habitacionais específicas.

Contudo, para a Psicologia Comunitária, a dimensão geográfica constitui apenas o ponto de partida. A comunidade é concebida como um sistema social dinâmico de interações, valores e recursos partilhados, onde a qualidade das relações assume maior relevância do que a mera proximidade física (Ornelas, 2008). O foco analítico desloca-se, portanto, para a qualidade dos laços sociais e para a sua capacidade de promover o ajustamento entre os indivíduos e o meio.

De acordo com Heller (1989), existem dois modelos fundamentais para definir comunidade: o modelo territorial ou geográfico, no qual os membros estão unidos pela proximidade espacial, e o modelo relacional, centrado na qualidade das interações humanas e nos vínculos que unem os indivíduos de um mesmo grupo. Embora distintos, ambos partilham elementos estruturais — pessoas, instituições, recursos e serviços — que se interligam e se influenciam mutuamente.

As abordagens contemporâneas reconhecem, contudo, que o contexto urbano tem reconfigurado a própria natureza das comunidades. Nas grandes cidades, os laços sociais tendem a basear-se mais em afinidades e redes de interesse comum do que em proximidade física, originando as chamadas “comunidades em rede” (Castells, 2010). Em contrapartida, em contextos de vulnerabilidade socioespacial, como os bairros de habitação social, essa fluidez relacional pode acentuar a fragmentação e o isolamento (Bauman, 2000). Assim, a intervenção comunitária deve concentrar-se na reabilitação e fortalecimento das redes de vizinhança, transformando a proximidade física em suporte social percebido e em sentimento de pertença.

Esta transição conceptual é determinante: o território constitui o palco da intervenção, mas é a qualidade das relações que se assume como unidade de análise (Sarason, 1974). A vivência subjetiva e a percepção da qualidade desses laços sociais constituem o núcleo da Psicologia Comunitária e são avaliadas através do conceito que se segue.

O Sentimento de Comunidade

O sentimento de comunidade constitui um dos conceitos centrais da Psicologia Comunitária, funcionando como um conceito-chave para compreender o vínculo psicológico e a experiência subjetiva que ligam os indivíduos ao seu grupo social.

Seymour Sarason (1974) foi o primeiro a definir este constructo, descrevendo-o como a percepção de pertencer a uma rede de relações de apoio mútuo, na qual existe confiança e disponibilidade recíproca. Esta visão representou uma rutura paradigmática na Psicologia, deslocando o foco do indivíduo isolado para a relação dinâmica entre pessoa e meio. O ambiente passou a ser entendido não apenas como cenário, mas como um verdadeiro recurso para o bem-estar e a saúde mental.

Alguns anos mais tarde, McMillan e Chavis (1986) aprofundaram este conceito, propondo uma definição amplamente aceite, onde o sentimento de comunidade traduz-se na percepção de pertença, na importância que os membros atribuem uns aos outros e na confiança de que as suas necessidades serão satisfeitas através do compromisso coletivo. Para os autores, esta experiência partilhada é sustentada por quatro dimensões interdependentes, a pertença, a influência, a

integração e a satisfação de necessidades, e a ligação emocional partilhada, que articulam os processos psicológicos e sociais responsáveis pela coesão e continuidade dos grupos humanos.

A primeira destas dimensões, a Pertença (Membership), diz respeito ao sentimento de identificação e de investimento pessoal que une o indivíduo à comunidade. Representa o reconhecimento de que se ocupa um lugar legítimo dentro do grupo, um espaço onde se é visto e valorizado. Esta dimensão assenta em elementos fundamentais como as fronteiras simbólicas que distinguem quem pertence e quem fica de fora, a segurança emocional que permite a expressão autêntica e a confiança recíproca, e o investimento pessoal que reflete o valor atribuído à contribuição individual. Nos contextos de habitação social, esta dimensão adquire especial relevância: o estigma territorial e as representações sociais negativas associadas a determinados bairros podem fragilizar o sentimento de pertença e o orgulho coletivo (Wacquant, 2007). Reforçar a pertença, neste sentido, implica tanto o reconhecimento mútuo entre vizinhos como a valorização externa da identidade comunitária.

A segunda dimensão, a Influência (Influence), refere-se ao equilíbrio entre o poder que o indivíduo exerce sobre a comunidade e o poder que esta exerce sobre ele. Um sentimento de comunidade sólido emerge quando há reciprocidade neste processo, ou seja, quando os membros sentem que têm voz nas decisões e, simultaneamente, são influenciados pelas normas e valores partilhados. Em bairros sociais, muitas vezes marcados por dinâmicas institucionais paternalistas e pela ausência de espaços de decisão, esta dimensão tende a ser enfraquecida. A falta de oportunidades de participação ativa pode conduzir ao *desempowerment* (Rappaport, 1987), gerando apatia e desmobilização coletiva. Reforçar a influência passa, assim, pela criação de canais de participação real, de espaços de diálogo e de práticas de escuta ativa que devolvam aos residentes o poder de agir sobre o seu quotidiano.

Segue-se a dimensão Integração e Satisfação de Necessidades (Integration and Fulfillment of Needs), que traduz a perceção de que a comunidade é capaz de responder às necessidades dos seus membros e de promover a sua integração social. Este processo é sustentado pela confiança de que o envolvimento no grupo traz recompensas, sejam elas materiais, emocionais ou simbólicas. Nos contextos de vulnerabilidade socioeconómica, como os bairros de habitação social, esta dimensão assume uma importância aumentada: as redes informais de solidariedade e a ajuda mútua entre vizinhos tornam-se recursos vitais, muitas vezes substituindo o apoio institucional. Estas relações de interdependência reforçam a coesão, a estabilidade emocional e o sentimento de segurança partilhada.

Por fim, a Ligação Emocional Partilhada (Shared Emotional Connection) corresponde à vertente afetiva do sentimento de comunidade. Trata-se do sentimento de união construído ao longo do tempo, através de experiências, memórias e símbolos comuns. A partilha de histórias, as tradições, os eventos locais e a convivência quotidiana contribuem para a criação de um sentido de continuidade e de destino coletivo. Em contextos de vulnerabilidade social, esta ligação emocional funciona como um fator de resiliência (Norris et al., 2008), fortalecendo a identidade coletiva e promovendo uma perceção de força partilhada perante as adversidades. A confiança, o compromisso e a empatia entre os membros tornam-se, assim, pilares fundamentais da coesão social.

De forma geral, o sentimento de comunidade ultrapassa a mera coesão social pois é um constructo multidimensional que reflete a forma como os indivíduos percebem e vivenciam a sua ligação ao meio social. A partir dessa ligação emergem benefícios psicológicos, sociais e estruturais que se estendem desde o bem-estar individual até à resiliência coletiva. Diversos estudos têm demonstrado que níveis elevados de sentimento de comunidade estão associados a maior satisfação de vida, melhor saúde mental e maior envolvimento cívico (Elvas & Moniz, 2010; Perkins & Taylor, 1996; Kawachi & Berkman, 2001; Rappaport, 1987; Norris et al., 2008).

Elvas e Moniz (2010), por exemplo, demonstraram que indivíduos com maior perceção de pertença e ligação emocional à sua comunidade tendem a apresentar níveis mais elevados de bem-estar psicológico e social. Este resultado deve-se, em parte, ao papel protetor das redes de apoio e ao sentimento de segurança que nasce da convivência e da confiança entre vizinhos. Já Kawachi e Berkman (2001) mostraram, na área da saúde pública, que o capital social, que é um conceito intimamente ligado ao sentimento de comunidade, é um determinante fundamental da saúde populacional. Comunidades com fortes laços de confiança e reciprocidade revelam melhores indicadores de saúde física e mental, confirmando que as relações sociais constituem um recurso estrutural essencial à qualidade de vida.

Por outro lado, Perkins e Taylor (1996) evidenciaram que o sentimento de comunidade tem também um impacto direto na perceção de segurança e na regulação informal do comportamento social. Em bairros onde os laços entre moradores são fortes, existe um maior sentido de responsabilidade partilhada, o que reduz comportamentos desviantes e reforça a ordem pública. Já Rappaport (1987) relaciona o sentimento de comunidade com o *empowerment*, entendendo-o como um processo através do qual as pessoas ganham maior controlo sobre as suas vidas e sobre o meio envolvente. Nesta perspetiva, o bem-estar não decorre apenas da ausência de dificuldades, mas sobretudo da existência de oportunidades para participar e influenciar a vida coletiva.

Por sua vez, Norris et al. (2008) destacam o papel do sentimento de comunidade na construção da resiliência coletiva, isto é, na capacidade de uma comunidade se adaptar e recuperar perante crises ou adversidades. Em situações de vulnerabilidade económica ou exclusão social, os laços de pertença e solidariedade assumem-se como mecanismos simbólicos e práticos de resistência. Esta leitura é particularmente relevante no contexto do Bairro da Flamenga, onde as dinâmicas internas de apoio mútuo e coesão emocional podem ser interpretadas como formas de enfrentar e superar o estigma social.

Em síntese, o sentimento de comunidade surge como um elemento estruturante da vida coletiva e como um recurso essencial para o desenvolvimento humano. Promover a pertença, a participação e a ligação emocional significa investir na capacidade de uma comunidade se fortalecer a partir de dentro, potenciando a cidadania ativa e o bem-estar partilhado. No caso português, esta linha de investigação tem sido consolidada por José Ornelas, que, em consonância com o modelo ecológico, sublinha a importância do sentimento de pertença e da participação cívica na construção de comunidades inclusivas e sustentáveis (Ornelas, 2008). A validação portuguesa do *Sense of Community Index 2* (SCI-2), conduzida por Cunha, Ornelas e Moniz (2018), reforça a pertinência deste modelo teórico e assegura a sua aplicabilidade no contexto nacional, permitindo uma compreensão mais rigorosa e culturalmente sensível do fenómeno.

Neste enquadramento, estudar o sentimento de comunidade no Bairro da Flamenga representa mais do que um exercício científico: é um contributo ético e social para compreender de que forma os laços de solidariedade, pertença e identidade podem transformar contextos de vulnerabilidade em espaços de resistência e de esperança coletiva.

Habitação Social em Portugal: Génese, Estigma e Coesão

A história da habitação social em Portugal está intrinsecamente ligada às transformações políticas e sociais que marcaram o período pós-Revolução de 25 de Abril de 1974. O fim do regime ditatorial revelou de forma abrupta as profundas desigualdades habitacionais que persistiam nas principais cidades do país. A migração interna, o rápido processo de urbanização e o regresso de milhares de pessoas provenientes das ex-colónias agravaram uma carência já estrutural: faltavam casas dignas e acessíveis a uma grande parte da população (Antunes, 2018).

Nas décadas que se seguiram, o país viveu um momento de reconstrução social. O crescimento económico dos anos 1980, aliado à expansão do sistema educativo e à redução do desemprego, alimentou um sentimento coletivo de progresso e de esperança.

Neste contexto, as políticas públicas de habitação tornaram-se uma prioridade e ganharam expressão através de programas de larga escala, como o Plano Especial de Realojamento (PER). A intenção era clara e urgente: garantir habitação condigna às famílias de baixos rendimentos que viviam em barracas ou em condições precárias (Antunes, 2018).

Apesar das intenções humanistas que estiveram na sua origem, muitas destas políticas foram implementadas sob uma lógica predominantemente quantitativa. O foco na rapidez e na eficácia construtiva acabou por se sobrepor à reflexão sobre a sustentabilidade social e urbanística dos novos bairros. Como observa Ferrão (2016), a ausência de um planeamento urbano integrado levou frequentemente à concentração de populações vulneráveis em espaços periféricos e pouco equipados, contribuindo para a criação de enclaves socioeconómicos e culturais. Assim, o que nasceu como resposta a um problema habitacional acabou, paradoxalmente, por gerar novas formas de segregação e desigualdade.

Este fenómeno foi amplamente descrito por Loïc Wacquant (2007), que introduziu o conceito de desqualificação territorial para designar o processo pelo qual determinados bairros passam a ser socialmente rotulados e estigmatizados. Nestas zonas, o estigma não recai apenas sobre o território, mas também sobre os seus habitantes, que passam a carregar o peso simbólico da exclusão. O bairro deixa de ser apenas um espaço físico para se tornar um marcador social, que molda as oportunidades e as perceções de quem ali vive.

Este processo de estigmatização tem implicações diretas nas dimensões psicológicas e relacionais que sustentam o sentimento de comunidade:

- Em primeiro lugar, fragiliza a pertença: os moradores veem-se muitas vezes divididos entre o orgulho de pertencer ao seu espaço e o desejo de se distanciar da imagem negativa associada ao mesmo. Esta tensão identitária compromete o sentimento de “nós” e mina a coesão simbólica do grupo.
- Em segundo lugar, enfraquece a influência: a dependência de recursos externos e a perceção de ausência de poder nas decisões que afetam o quotidiano reduzem o envolvimento cívico e alimentam o sentimento de impotência.

Investigar o sentimento de comunidade nestes contextos é, portanto, mais do que um exercício académico, é um ato de validação ecológica. Permite compreender de que forma as relações internas e as dinâmicas de solidariedade podem funcionar como mecanismos de defesa simbólica e prática perante o estigma e a exclusão.

Nas margens da cidade, onde o apoio institucional é frequentemente insuficiente, as comunidades tendem a criar redes de entajuda e sistemas informais de suporte que funcionam como verdadeiras estratégias de sobrevivência e de resiliência.

A coesão social em bairros de habitação social depende, assim, de um delicado equilíbrio entre fatores promotores e fatores dificultadores:

- Entre os promotores, destacam-se a qualidade dos espaços públicos, que favorecem o encontro e o convívio, a existência de redes de vizinhança ativas, a ajuda mútua e o sentimento de identidade territorial partilhada. Estes elementos reforçam a proximidade, a confiança e o apoio emocional, contribuindo para o fortalecimento do sentimento de comunidade.
- Entre os que dificultam, encontram-se a degradação das infraestruturas, a falta de manutenção dos espaços comuns e a ausência de segurança, quer física, quer emocional. Estas condições minam o sentimento de pertença e podem gerar desconfiança e retraimento relacional, reproduzindo ciclos de desagregação social.

Perante este cenário, a Psicologia Comunitária oferece um quadro teórico particularmente pertinente. Ao reconhecer a interdependência entre as dimensões individuais, sociais e ambientais, permite compreender que o bem-estar dos moradores não depende apenas de fatores económicos ou físicos, mas também da qualidade dos laços sociais e do significado que as pessoas atribuem ao lugar onde vivem. O sentimento de comunidade surge, assim, como o elo que pode transformar o espaço urbano num território de vínculos, memórias e solidariedade.

No caso português, compreender a dinâmica social dos bairros de habitação social é também compreender parte da identidade coletiva das cidades. Estes espaços, tantas vezes invisibilizados ou marginalizados, são simultaneamente lugares de fragilidade e de resistência, onde se tecem redes silenciosas de apoio, pertença e esperança. Investigar estas realidades é dar visibilidade às vozes que habitam a periferia, reconhecendo nelas não apenas a vulnerabilidade, mas também a força transformadora das comunidades que resistem e reinventam o seu sentido de pertença todos os dias.

Participação Comunitária e o Contexto da Investigação

A participação comunitária constitui uma das expressões mais concretas e transformadoras do sentimento de comunidade. Participar é, antes de tudo, sentir-se parte, perceber que a própria voz tem valor e que as ações individuais podem produzir um impacto coletivo. Em contextos urbanos marcados por desigualdades, como os bairros de habitação social, este envolvimento

torna-se ainda mais decisivo, pois é através dele que os moradores se reconhecem como agentes ativos da mudança e não apenas como destinatários passivos de políticas públicas.

Na literatura da Psicologia Comunitária, a participação é entendida simultaneamente como um indicador e um catalisador do sentimento de comunidade (Ornelas, 2008; Nelson & Prilleltensky, 2010). Quando as pessoas se envolvem nas decisões e nas dinâmicas que moldam o quotidiano do seu bairro, desenvolvem um maior sentido de pertença, de responsabilidade partilhada e de confiança nos outros. Por outro lado, quando esse envolvimento é limitado, seja pela ausência de espaços de escuta, pela falta de transparência nas decisões ou por um histórico de descrença nas instituições, tende a emergir a apatia, o isolamento e o enfraquecimento do laço social.

O sentimento de influência, uma das dimensões centrais do modelo de McMillan e Chavis (1986), ilustra bem esta relação entre participação e coesão. Ele traduz o equilíbrio entre o poder que o indivíduo sente possuir dentro da comunidade e a influência que a própria comunidade exerce sobre ele. Quando este equilíbrio é saudável, os moradores percebem que a sua voz é relevante e que podem, de facto, contribuir para a definição de prioridades e soluções. Em contrapartida, quando as decisões são tomadas de forma hierárquica e distante, o sentimento de descontrolo instala-se, promovendo o *desempowerment* (Rappaport, 1987), como uma sensação de impotência que mina a motivação para agir coletivamente.

Em Portugal, Ornelas (2008) tem sublinhado que a participação ativa e o sentimento de pertença são pilares fundamentais para a construção de comunidades sustentáveis. A ação comunitária eficaz não se esgota em iniciativas pontuais, ela nasce de um processo contínuo de *empowerment* coletivo, que se alimenta da escuta, da cooperação e do reconhecimento mútuo. É neste sentido que a participação deve ser entendida não apenas como um meio, mas também como um fim em si mesma e uma prática de cidadania e de autonomia.

No contexto do Bairro da Flamenga, estas dinâmicas ganham uma relevância particular. Trata-se de um território com uma história marcada por vulnerabilidades socioeconómicas, mas também por fortes vínculos relacionais e estratégias de sobrevivência coletiva. A análise do sentimento de comunidade neste bairro permite compreender como as pessoas constroem significado e pertença num espaço muitas vezes marginalizado, revelando tanto os obstáculos à coesão como os recursos internos que a sustentam.

Procurar saber mais sobre o sentimento de comunidade na Flamenga é, portanto, mais do que um exercício descritivo, é um processo de reconhecimento e valorização das práticas sociais locais. Ao identificar os fatores que favorecem ou dificultam a participação, esta investigação pretende contribuir para a criação de condições que estimulem o envolvimento cívico, a solidariedade e o fortalecimento das redes de apoio.

Ao compreender estas dinâmicas, é essencial para delinear estratégias de intervenção mais justas e eficazes, que não se limitem a “atuar sobre” a comunidade, mas que atuem com a comunidade. Assim, o estudo do sentimento de comunidade no Bairro da Flamenga representa não apenas uma oportunidade científica, mas também um compromisso ético e social com a promoção de uma cidadania ativa, inclusiva e sustentável.

O Bairro da Flamenga

O Bairro da Flamenga, conhecido originalmente como Zona N1 de Chelas, situa-se na freguesia de Marvila, uma das zonas históricas de Lisboa com maior concentração de habitação social. A sua construção, realizada entre 1981 e 1987, insere-se no Plano de Urbanização de Chelas, um dos maiores projetos de requalificação e realojamento urbano da capital. Este plano refletia a vontade política, emergente após o 25 de Abril de 1974, de dar resposta a um problema social urgente, nomeadamente, a carência habitacional que afetava milhares de famílias lisboetas (Direção-Geral do Património Cultural [DGPC], s.d.).

Classificado como um conjunto arquitetónico residencial multifamiliar de Habitação Económica de Promoção Pública Municipal (Arquivo Municipal de Lisboa [AML], 2009), o bairro é composto por 44 edifícios e 470 fogos. A sua origem está profundamente ligada às políticas de erradicação de barracas e à estratégia de realojamento urbano que marcou as décadas de 1970 e 1980. Estas políticas procuraram dar resposta às necessidades habitacionais de populações deslocadas, muitas delas regressadas das antigas colónias portuguesas e de famílias que habitavam em condições precárias nas franjas da cidade.

A localização da Flamenga, embora central no mapa de Lisboa, revela um certo paradoxo urbano. O bairro encontra-se delimitado por grandes eixos rodoviários e por zonas verdes, como o Parque da Bela Vista, e é vizinho de outros bairros sociais, Amendoeiras, Lóios e Armador. Apesar dos bons acessos, nomeadamente pela estação de Metro da Bela Vista (Linha Vermelha), o território mantém um isolamento simbólico que ultrapassa as fronteiras físicas. Este isolamento é alimentado por representações sociais negativas que, ao associarem o bairro à vulnerabilidade económica e à marginalidade, contribuem para a sua estigmatização.

A realidade social da Flamenga é um espelho das dinâmicas mais amplas de Marvila, freguesia que tem vivido um processo contraditório de renovação urbana e persistência da exclusão. Os dados censitários recentes (Instituto Nacional de Estatística [INE], 2022) evidenciam que a freguesia apresenta indicadores de vulnerabilidade social superiores à média da cidade, nomeadamente ao nível da escolaridade, do desemprego e do rendimento médio (tabela 1). Estes dados ajudam a compreender o contexto no qual se insere o sentimento de comunidade da Flamenga, um espaço onde convivem tanto os desafios estruturais como as fortes expressões de solidariedade local e identidade coletiva.

Mais do que um simples conjunto habitacional, o Bairro da Flamenga representa um microcosmo social e simbólico, no qual se cruzam histórias de mobilidade, resistência e pertença. A análise do sentimento de comunidade neste território permite compreender de que forma os seus moradores constroem laços, significados e estratégias de sobrevivência face ao estigma e à desigualdade. É neste entrelaçar de vulnerabilidade e resiliência que se revela a verdadeira dimensão humana da Flamenga — um bairro que, apesar das adversidades, continua a ser um espaço de vida, de identidade e de esperança.

Tabela 1

Dados dos CENSOS 2021 em Marvila

Indicador	Dados de Marvila	Implicações para o Contexto
Taxa de Desemprego	13,7% (A mais alta de Lisboa)	Indica uma elevada carência socioeconómica, que fragiliza a dimensão de satisfação de necessidades do sentimento de comunidade.
População Jovem (até 24 anos)	Cerca de 25%	Marvila é uma das freguesias com mais jovens. Contrapõe a tendência de envelhecimento de Lisboa, sugerindo dinamismo.
Rendimento Social de Inserção (RSI)	13,8% dos beneficiários de RSI de Lisboa residiam em Marvila.	Evidencia uma alta concentração de pobreza e exclusão social.
Habitação Social (GEBALIS)	Em 2016, 35,7% da população de Marvila residia em fogos da GEBALIS.	Confirma Marvila como o território com a maior concentração de habitação social da cidade, reforçando o risco de estigma territorial.

Os indicadores sociais de Marvila revelam de forma clara a concentração de vulnerabilidade estrutural que caracteriza o território e o modo como as desigualdades territoriais se fazem sentir

no quotidiano da comunidade. Ainda assim, apesar das fragilidades socioeconómicas que marcam o bairro, a Junta de Freguesia de Marvila descreve a Flamenga como um “território dinâmico e solidário” (Junta de Freguesia de Marvila, s.d.), expressão que traduz bem o equilíbrio entre precariedade e vitalidade que define este espaço urbano.

No interior do bairro, observa-se um tecido relacional denso e afetivo, sustentado por laços de entreajuda e por um associativismo ativo que confere ao território uma dinâmica própria. O Grupo Comunitário da Flamenga e o Centro Comunitário da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa desempenham um papel central nesse processo, ao promoverem atividades participativas, projetos de requalificação e espaços de diálogo entre moradores e instituições. Estas iniciativas não só fortalecem o sentimento de pertença como ampliam a dimensão de influência, permitindo que os residentes se sintam parte integrante das decisões que moldam o seu quotidiano.

Em múltiplos testemunhos recolhidos em projetos locais, os moradores descrevem a Flamenga como “um lugar onde se vive como numa família”, frase que sintetiza o papel essencial das redes informais de apoio que, muitas vezes, substituem os recursos institucionais em falta. Este tipo de solidariedade de proximidade traduz a força relacional que resiste às adversidades e dá sentido à vida comunitária.

Assim, o Bairro da Flamenga torna-se um espaço privilegiado para observar a coexistência entre vulnerabilidade estrutural e força relacional, um território onde o sentimento de comunidade emerge como fator protetor face ao estigma e à exclusão.

Sentimento de comunidade em Contextos de Habitação Social

A análise do sentimento de comunidade ganha especial importância quando aplicada a contextos de habitação social, onde as dimensões físicas, sociais e económicas do espaço moldam de forma profunda as experiências de pertença e de coesão. Em Portugal, a construção dos bairros sociais, embora motivada por um imperativo de justiça social, acabou por gerar novas formas de segregação socioespacial e concentração de vulnerabilidades (Ferrão, 2016).

Este paradoxo urbano traduziu-se num fenómeno de dupla face, pois por um lado, garantiu a muitas famílias o direito a uma habitação digna, por outro, produziu uma separação simbólica e territorial que ainda hoje condiciona a sua integração. Como refere Lima (2016), a urbanização social, ao criar fronteiras físicas e sociais, pode inadvertidamente reforçar a exclusão que pretende combater.

Wacquant (2007) descreve este processo como “desqualificação territorial”, em que o estigma associado a um espaço físico se transfere para os seus habitantes. O bairro torna-se, assim,

um marcador identitário negativo que reduz as oportunidades de mobilidade social e distorce a percepção pública sobre quem nele habita. Este fenómeno reflete-se diretamente em duas dimensões centrais do sentimento de comunidade:

- Pertença, ao criar um conflito identitário entre a lealdade interna ao grupo e o sentimento de rejeição face à cidade mais ampla;
- Influência, ao limitar a percepção de poder e de capacidade de intervenção dos moradores sobre o seu próprio território, reforçando relações de dependência institucional e minando o *empowerment* coletivo.

A coesão social nos bairros de habitação social depende, portanto, de um equilíbrio entre fatores que a promovem e os fatores que a dificultam, como descrito anteriormente.

Neste cenário, o sentimento de comunidade atua como recurso psicossocial e mecanismo de resiliência coletiva. É através da ligação emocional partilhada, construída a partir de experiências comuns de superação, que emergem identidades coletivas mais fortes e uma maior capacidade de ação cívica.

No caso particular do Bairro da Flamenga, observam-se simultaneamente fortes vínculos internos e barreiras externas. A vitalidade associativa e o envolvimento dos moradores em projetos comunitários reforçam as dimensões de integração e ligação emocional, enquanto o peso do estigma e das desigualdades territoriais continua a limitar a influência e a pertença num sentido mais amplo.

Deste modo, estudar o sentimento de comunidade na Flamenga não só permite validar empiricamente o modelo de McMillan e Chavis (1986), como oferece uma leitura crítica e situada sobre a forma como vulnerabilidade social, resiliência e ação coletiva se entrecruzam no contexto urbano português.

Mais do que um exercício teórico, esta investigação procura compreender como os laços sociais se transformam em práticas de resistência e solidariedade, revelando o potencial transformador das comunidades locais. O Bairro da Flamenga, nesse sentido, é mais do que um espaço habitado, é um laboratório vivo de coesão, pertença e cidadania, onde o sentimento de comunidade assume o papel de força estruturante e emancipadora.

Método

O presente capítulo descreve a metodologia adotada neste estudo, organizada em torno de várias dimensões fundamentais: objetivos e questões de investigação, delineamento, participantes, instrumentos de recolha de dados, procedimentos, análise de dados e resultados.

A investigação parte de uma lógica de valorização da experiência vivida pelos moradores do Bairro da Flamengo, reconhecendo-os não como meros objetos de estudo, mas como participantes ativos e portadores legítimos de saberes locais. Esta postura enquadra-se na perspetiva da Psicologia Comunitária, que defende a importância de envolver as comunidades na produção de conhecimento sobre si próprias, promovendo o *empowerment* e a corresponsabilização social.

Optou-se por uma abordagem quantitativa, sustentada na aplicação de um questionário estruturado baseado na Escala *Sense of Community Index 2* (SCI-2), desenvolvida por Chavis, Lee e Acosta (2008). Este instrumento avalia o sentimento de comunidade segundo quatro dimensões fundamentais: Pertença, Influência, Satisfação de Necessidades e Ligação Emocional Partilhada. A sua utilização permite alcançar, de forma sistemática, a perceção dos moradores relativamente ao modo como se sentem integrados e participativos no seu meio social.

Objetivos e Questões de Investigação

O ponto de partida deste estudo assenta na ideia de que a perceção subjetiva da coesão social constitui um elemento determinante da qualidade de vida em contextos marcados pela vulnerabilidade socioespacial. Inspirando-se nos princípios da Psicologia Comunitária, esta investigação não se limita à mera descrição das relações sociais existentes, mas procura compreender quais os fatores que fortalecem ou fragilizam a experiência comunitária no Bairro da Flamengo.

O objetivo geral consiste em analisar a perceção do sentimento de comunidade entre os moradores, explorando de que modo este sentimento se relaciona com as características sociodemográficas e contextuais do ambiente local.

A partir deste propósito central, delinearão-se os seguintes objetivos específicos:

1. Avaliar as quatro dimensões do sentimento de comunidade: Pertença, Influência, Satisfação de Necessidades e Ligação Emocional, na população residente no Bairro da Flamengo.
2. Explorar o papel de variáveis contextuais e sociodemográficas, como a idade, o sexo, o tempo de residência e o tipo de habitação, na perceção do sentimento de comunidade, identificando eventuais diferenças entre grupos.

3. Contribuir para o conhecimento das dinâmicas sociais em bairros de habitação social, fornecendo dados empíricos que possam apoiar futuras intervenções comunitárias orientadas para a integração, participação e o bem-estar coletivo.

Deste modo, formularam-se as seguintes questões de investigação:

Q1. Qual é o nível de sentimento de comunidade percecionado pelos moradores do Bairro da Flamengo, considerando as suas quatro dimensões - Pertença, Influência, Satisfação de Necessidades e Ligação Emocional?

Q2. De que forma é que as variáveis sociodemográficas e contextuais dos moradores se relacionam com a perceção do seu sentimento de comunidade?

Delineamento

Tendo em conta os objetivos definidos e as questões de investigação colocadas, o presente estudo caracteriza-se como um estudo empírico de natureza quantitativa, recorrendo ao inquérito por questionário como principal meio de recolha de dados.

O estudo foi desenvolvido segundo uma perspetiva transversal, na medida em que todas as variáveis, tanto as dimensões do sentimento de comunidade como as variáveis sociodemográficas e contextuais, foram avaliadas num único momento temporal junto da população residente no Bairro da Flamengo. Este formato permite captar um retrato fiel e atual das perceções dos moradores, constituindo uma fotografia social e psicossocial do bairro no momento da recolha.

Este delineamento integra duas componentes complementares: uma dimensão descritiva e uma dimensão correlacional. A vertente descritiva tem o intuito de sistematizar a perceção do sentimento de comunidade nas suas quatro dimensões fundamentais. Por sua vez, a vertente correlacional procura explorar as ligações entre o sentimento de comunidade e determinados fatores contextuais, como a idade, o género, o tempo de residência ou o tipo de habitação. Esta análise permite identificar padrões e tendências de perceção, sugerindo potenciais associações entre variáveis.

É importante, contudo, sublinhar que o carácter transversal deste estudo não permite estabelecer relações de causalidade, limitando-se à identificação de correlações e ao reconhecimento de possíveis dinâmicas interpretativas. Ainda assim, este tipo de delineamento revela-se particularmente útil em contextos comunitários, oferecendo uma base empírica sólida para futuras investigações e intervenções.

Participantes

A amostra deste estudo é composta por 56 participantes adultos (N=56), moradores do Bairro da Flamengo. A estratégia de seleção foi a amostragem por conveniência de cariz não probabilístico, privilegiando a acessibilidade e o contacto direto com a comunidade. Esta opção, comum em investigações comunitárias, reflete uma preocupação prática e ética: garantir a proximidade relacional e a legitimidade participativa dos moradores no processo de produção de conhecimento.

A recolha de dados foi viabilizada pela colaboração ativa de estruturas locais, nomeadamente o Grupo Comunitário da Flamengo, e pela aproximação direta em espaços de convivência quotidiana, como praças, cafés, eventos e atividades organizadas no bairro. A inclusão dos participantes assentou em dois critérios simples: residir na Flamengo e ter idade igual ou superior a 18 anos.

A participação foi totalmente voluntária e anónima, e o processo assentou numa lógica de confiança e respeito mútuo. Esta metodologia é coerente com os princípios da Psicologia Comunitária, que valorizam o envolvimento horizontal entre investigadores e comunidade.

Instrumento de Recolha de Dados

De forma a operacionalizar os objetivos do estudo empírico, foi utilizado um questionário estruturado composto por duas secções principais:

1. Consentimento informado;
2. Um questionário sociodemográfico, destinado a caracterizar a amostra;
3. A Escala *Sense of Community Index 2* (SCI-2), instrumento central para a medição do sentimento de comunidade.

A versão aplicada foi adaptada à realidade linguística e cultural do bairro, garantindo clareza e acessibilidade a todos os residentes, independentemente do nível de escolaridade. O questionário incluía ainda uma folha de consentimento informado, reforçando os princípios éticos e de transparência.

Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi constituído por nove questões, desenhadas para recolher informação relevante sobre os participantes, permitindo caracterizar a amostra e controlar potenciais variáveis de confusão.

Foram incluídas perguntas relativas à idade, sexo, estado civil, número de pessoas no agregado familiar, naturalidade, nacionalidade, tempo de residência, tipo de habitação e participação em atividades comunitárias.

No caso desta última variável, os participantes foram ainda convidados a especificar o tipo de atividades e a frequência de participação, oferecendo uma leitura mais detalhada do envolvimento cívico local.

Escala de Sentimento de comunidade Revista (SCI-2)

O *Sense of Community Index* (SCI) é amplamente reconhecido como a medida de referência internacional para avaliar o sentimento de comunidade. Baseia-se no modelo teórico de McMillan e Chavis (1986), que define o constructo como uma perceção multidimensional composta por quatro elementos essenciais: Pertença, Influência, Satisfação de Necessidades e Ligação Emocional Partilhada.

A versão revista do instrumento, SCI-2, foi desenvolvida por Chavis, Lee e Acosta (2008) para superar limitações da versão original (SCI-1), nomeadamente a baixa consistência interna e o formato binário de resposta. O SCI-2 contém 24 itens avaliados numa escala de Likert de quatro pontos, variando entre Nada (0) e Completamente (3). A soma total das respostas gera uma pontuação global entre 0 e 72 pontos, em que valores mais altos refletem um maior sentimento de comunidade.

A validação do instrumento em larga escala demonstrou elevada fiabilidade ($\alpha = 0,94$), com subescalas consistentes entre $\alpha = 0,79$ e $0,86$. Estes indicadores psicométricos sustentam a sua adequação a contextos diversos, incluindo comunidades urbanas vulneráveis.

Para o presente estudo, a escala foi contextualizada para o Bairro da Flamenga enquanto unidade de referência. Os 24 itens foram agrupados nas seguintes subescalas:

- Satisfação de Necessidades (Q1 a Q6)
- Pertença (Q7 a Q12)
- Influência (Q13 a Q18)
- Ligação Emocional Partilhada (Q19 a Q24)

Uma questão adicional de validação foi incluída, de forma a facilitar a interpretação global dos resultados.

Procedimentos

A recolha de dados decorreu entre julho e setembro, um período particularmente favorável à interação comunitária devido à maior frequência de atividades e eventos locais. O processo foi cuidadosamente estruturado para garantir rigor ético, respeito cultural e validação ecológica.

O contacto com os participantes assentou numa estratégia de aproximação relacional, baseada na confiança e na mediação por atores comunitários. Os questionários foram distribuídos durante eventos e reuniões locais, mas também através de líderes informais e mediadores de proximidade, que facilitaram a participação de moradores menos visíveis ou com menor disponibilidade.

Antes do preenchimento, cada participante recebeu um consentimento informado, no qual foram explicados os objetivos do estudo, o carácter voluntário da participação e as garantias de anonimato e confidencialidade. Apenas os questionários devidamente consentidos e preenchidos foram incluídos na análise final.

Concluída a recolha, os dados foram introduzidos e verificados numa folha de cálculo Microsoft Excel, procedendo-se à codificação e limpeza inicial. Posteriormente, a base de dados foi exportada para o software IBM SPSS, onde se realizaram as análises descritivas e correlacionais previstas.

Foram consideradas as variáveis sociodemográficas mais relevantes para o estudo do sentimento de comunidade — idade, género, agregado familiar, naturalidade, tipo de habitação, tempo de residência e participação em atividades comunitárias. As variáveis: estado civil e nacionalidade, foram excluídas da análise final, devido à sua baixa variabilidade e reduzida pertinência teórica.

A etapa analítica centrou-se, assim, na descrição do perfil da comunidade e na exploração das relações entre variáveis, oferecendo uma leitura rigorosa, mas também sensível, do modo como os laços sociais e identitários se constroem no Bairro da Flamenga.

Análise de Dados

A análise de dados deste estudo foi conduzida com o apoio do programa estatístico SPSS, versão 30.0, que serviu de base para todas as operações de tratamento e interpretação dos resultados.

Antes de avançar para as análises principais, foi necessário assegurar a qualidade e a adequação do instrumento utilizado, de modo a garantir que as conclusões extraídas refletem de forma fidedigna a percepção real dos participantes.

Assim, procedeu-se inicialmente à verificação das propriedades psicométricas da Escala de Sentimento de Comunidade Revista (SCI-2), analisando a sua consistência interna e a validade de construto no contexto específico do Bairro da Flamenga. Esta etapa assumiu particular relevância, uma vez que o estudo se insere num território social e culturalmente diversificado, podendo certas dimensões do sentimento de comunidade expressar-se de formas subtis e contextualmente mediadas.

Consistência Interna

A consistência interna foi avaliada através do Alfa de Cronbach, indicador amplamente utilizado em investigação psicológica para aferir o grau de coerência entre os itens que compõem uma mesma dimensão. Seguindo os critérios de Maroco e Garcia-Marques (2006), foram considerados inaceitáveis valores inferiores a 0,60, baixos entre 0,60 e 0,70, moderados entre 0,70 e 0,80, moderados a elevados entre 0,80 e 0,90 e elevados quando superiores a 0,90.

Esta análise permitiu confirmar a solidez interna da escala e das suas quatro dimensões, Satisfação de Necessidades, Pertença, Influência e Ligação Emocional Partilhada, validando a sua adequação ao contexto estudado e garantindo que cada uma reflete um constructo coerente e internamente consistente.

Validade de Construto

Para complementar esta verificação, foi realizada uma análise fatorial exploratória, tendo como método de extração a análise de componentes principais. Os fatores resultantes foram posteriormente submetidos à rotação Varimax, técnica que permite uma interpretação mais clara da estrutura fatorial, otimizando a identificação das dimensões latentes subjacentes às respostas dos participantes.

Este procedimento visou confirmar a validade de construto da escala, isto é, verificar se as dimensões teóricas propostas pela SCI-2 se reproduziam de forma coerente no contexto do Bairro da Flamenga.

Testes de Normalidade e Opção Metodológica

Antes de avançar para as análises inferenciais, foram testados os pressupostos de normalidade das variáveis através da estatística de Shapiro-Wilk.

Os resultados mostraram que, enquanto a escala global e as dimensões Satisfação de Necessidades e Ligação Emocional Partilhada apresentaram distribuições aproximadas da normal ($p > 0,05$), as dimensões Pertença e Influência exibiram desvios significativos ($p < 0,05$), indicando distribuições não-normais.

Perante estes resultados, e de modo a garantir a consistência e a robustez das análises subsequentes, optou-se por recorrer às correlações de Spearman, um teste não paramétrico apropriado para variáveis que não seguem a distribuição normal. Esta decisão metodológica assegura que os resultados obtidos refletem fielmente os padrões de associação existentes, respeitando as características estatísticas específicas das variáveis em estudo.

Resultados

Caracterização da População

O presente estudo contou com a participação de 56 residentes do Bairro da Flamenga ($N = 56$), cuja caracterização demográfica e contextual constitui um ponto de partida essencial para a compreensão das dinâmicas comunitárias e da perceção do sentimento de comunidade. Conhecer quem são os participantes, de onde vêm e como se situam no tecido social do bairro permite interpretar com maior profundidade os resultados que emergem das análises posteriores (Tabela 2).

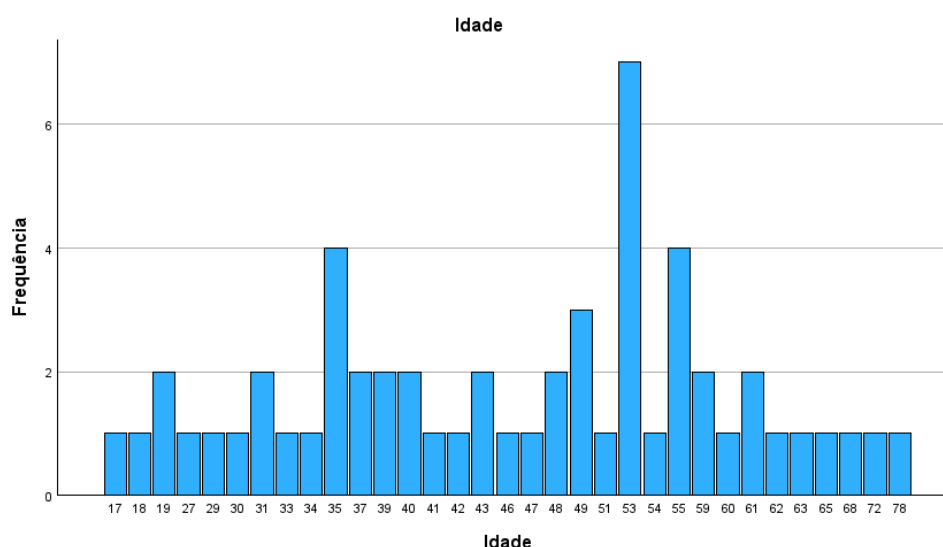
Caracterização Sociodemográfica

A amostra revela uma predominância acentuada do sexo feminino, que representa 69,6% ($n = 39$) dos inquiridos, contrastando com 28,6% ($n = 16$) do sexo masculino e 1,8% que se identificou noutra categoria. Este domínio das mulheres é particularmente relevante em contextos comunitários, pois elas tendem a assumir papéis centrais na manutenção das redes de vizinhança, na mediação de conflitos e na promoção de laços de apoio social, o que pode ter impacto direto nas perceções de coesão e pertença.

A idade dos participantes apresenta uma amplitude considerável (gráfico 1), variando entre 17 e 78 anos, com uma média de 45,88 anos ($DP = 13,81$). Esta dispersão etária traduz uma comunidade diversa, composta por jovens adultos, adultos e idosos, o que favorece uma leitura multifacetada das experiências de pertença e identidade comunitária ao longo do ciclo de vida.

Gráfico 1

Caracterização sociodemográfica em relação à idade



No que diz respeito à composição familiar, o agregado médio é de 3,16 pessoas, sendo que 62,5% (n = 35) das famílias são de tipo nuclear, com três ou quatro elementos. Apenas 12,5% (n = 7) dos participantes vivem sozinhos, sugerindo que o bairro mantém um padrão de convivência familiar relativamente forte, com uma predominância de lares partilhados e redes de apoio interpessoal de proximidade.

Caracterização Contextual e Diversidade

A análise das variáveis contextuais aprofunda a compreensão das dinâmicas de coesão e diversidade que caracterizam a vida quotidiana no bairro.

No que respeita à naturalidade, verifica-se uma diversidade cultural significativa: embora 67,9% (n = 38) dos participantes tenham nascido em Portugal, uma parte expressiva (25%) provém de outros países, refletindo a dimensão multicultural da comunidade. Entre as origens internacionais destacam-se Moçambique (5,4%), Guiné-Bissau (3,6%), Angola (3,6%), Senegal (3,6%), e Espanha (3,6%), evidenciando a presença de diferentes trajetórias migratórias que contribuem para a identidade plural do Bairro da Flamenga.

Quanto ao tipo de habitação, observa-se que a maioria dos participantes reside em fogos de habitação social (42,9%, n = 24), seguindo-se os proprietários (30,4%), arrendatários (12,5%) e outros tipos de residência (8,9%). Este dado confirma a pertinência da amostra para os objetivos do estudo, uma vez que a habitação social constitui o principal contexto de análise das perceções de comunidade.

A estabilidade residencial é outro traço marcante desta população: 73,2% (n = 41) dos participantes afirmam viver no bairro há mais de dez anos, o que revela um forte enraizamento territorial. Esta longevidade residencial é particularmente valiosa, pois confere legitimidade às percepções recolhidas e indica que os participantes possuem uma vivência prolongada das dinâmicas comunitárias locais.

Por fim, no que respeita ao envolvimento comunitário, 60,7% (n = 34) dos residentes referem participar, de algum modo, em atividades ou iniciativas locais. Este dado sugere a existência de um núcleo comunitário ativo e envolvido, representando um segmento da população que contribui ativamente para a coesão e vitalidade social do bairro.

Tabela 2

Caracterização dos Participantes

Variável	N	%
N	56	100
Sexo		
Feminino	39	69,6
Masculino	16	28,6
Outro	1	1,8
Agregado Familiar		
1 pessoa	7	12,5
2 pessoas	8	14,3
3 pessoas	17	30,4
4 pessoas	18	32,1
5 pessoas	4	7,1
8 pessoas	1	1,8
Naturalidade		
Portugal	38	67,9
Moçambique	3	5,4
Guiné Bissau	2	3,6
Angola	2	3,6
Senegal	2	3,6
Espanha	2	3,6
Cabo Verde	1	1,8
Alemanha	1	1,8
India	1	1,8
Tipo de habitação		
Propriedade	17	30,4
Arrendamento	7	12,5
Habitação Social	24	42,9
Outro	5	8,9

Variável	N	%
Tempo de Residência		
Menos de 1 ano	1	1,8
1 a 5 anos	6	10,7
6 a 10 anos	5	8,9
Mais de 10 anos	41	73,2
Atividade na comunidade		
Sim	34	60,7
Não	21	37,5

De forma global, os dados demográficos e contextuais permitem traçar o retrato de uma comunidade estável, predominantemente feminina e multicultural, onde a presença prolongada e a diversidade cultural coexistem com um nível considerável de participação cívica. Este perfil fornece o enquadramento necessário para compreender as variações observadas nas dimensões do sentimento de comunidade, exploradas nas análises subsequentes.

Propriedades Psicométricas dos Instrumentos

Antes de avançar para as análises principais, procedeu-se à verificação da qualidade psicométrica da Escala de Sentimento de Comunidade Revista (SCI-2), instrumento central deste estudo. Esta etapa teve como objetivo assegurar que a medida utilizada apresentava níveis de consistência interna e validade de construto adequados ao contexto específico do Bairro da Flamengo, garantindo a robustez e fiabilidade dos resultados obtidos.

Consistência interna

A avaliação da consistência interna foi realizada através do Alfa de Cronbach, indicador amplamente reconhecido na literatura psicométrica como um critério de fidelidade interna entre os itens que compõem uma escala.

No presente estudo, todas as dimensões da escala apresentaram valores de consistência interna muito satisfatórios, variando entre 0,89 e 0,93. A dimensão Satisfação de Necessidades destacou-se como a mais robusta, com $\alpha = 0,928$, seguida das dimensões Influência ($\alpha = 0,893$), Pertença ($\alpha = 0,892$) e Ligação Emocional Partilhada ($\alpha = 0,890$). Estes resultados confirmam que os itens de cada dimensão apresentam uma coerência interna sólida, reforçando a adequação do instrumento para o contexto comunitário em análise (tabela 3).

Tabela 3*Consistência Interna dos Instrumentos*

Escala	α de Cronbach	N de itens
<i>SCI-2</i>		
<i>Satisfação de Necessidades</i>	0,928	6
<i>Pertença</i>	0,892	6
<i>Influência</i>	0,893	6
<i>Ligação Emocional Partilhada</i>	0,890	6

Análise Fatorial

Com o intuito de analisar a validade de construto da SCI-2 no contexto da Flamengo, realizou-se uma análise fatorial exploratória pelo método de componentes principais, com rotação Varimax. O critério de Kaiser (valores próprios superiores a 1,0) orientou a extração dos fatores.

Os resultados revelaram a extração de quatro fatores principais, correspondentes às dimensões teóricas da escala (Satisfação de Necessidades, Pertença, Influência e Ligação Emocional Partilhada). O quarto componente apresentou um valor próprio de 1,020, e no seu conjunto os quatro fatores explicaram 77,04% da variância total, um valor elevado e indicativo de uma estrutura fatorial consistente.

A rotação Varimax, contudo, não convergiu totalmente (convergência = 0,012), o que sugere a existência de intercorrelação entre as dimensões, um fenómeno comum em escalas que avaliam percepções globais e interligadas, como o sentimento de comunidade. Ainda assim, esta limitação não compromete a validade estrutural do instrumento, uma vez que a configuração fatorial se manteve coerente com o modelo teórico de McMillan e Chavis (1986) e todas as subescalas demonstraram fiabilidade elevada.

Assim, optou-se por preservar a estrutura teórica original de quatro dimensões, criando-se variáveis médias para cada subescala e para a pontuação total, que serviram de base às análises descritivas e inferenciais subsequentes. Esta decisão assegura a coerência conceptual e a comparabilidade dos resultados com outros estudos internacionais sobre o sentimento de comunidade.

Em síntese, tanto os resultados da consistência interna como da análise fatorial reforçam a solidez psicométrica da SCI-2 no contexto específico da Flamengo. A escala mostrou-se capaz de captar, com fiabilidade e sensibilidade, as diferentes dimensões que estruturam o sentimento de

comunidade, constituindo-se assim como um instrumento válido e adequado para a análise das percepções dos moradores sobre a sua vivência coletiva e o grau de ligação ao bairro.

Nível de Sentimento de comunidade

Esta secção tem como propósito responder à primeira questão de investigação (Q1), centrada na análise do nível de sentimento de comunidade percebido pelos moradores do Bairro da Flamengo. Através das estatísticas descritivas obtidas com base na Escala de Sentimento de Comunidade Revista (SCI-2), procurou-se compreender como os residentes experienciam, no seu quotidiano, as quatro dimensões fundamentais do constructo: Satisfação de Necessidades, Pertença, Influência e Ligação Emocional Partilhada. A análise baseia-se nas estatísticas descritivas das variáveis de média, apresentadas na Tabela 4 (baseada numa escala de 0 a 3, sendo 3 o máximo de sentimento de comunidade).

Tabela 4

Estatísticas descritivas do sentimento de comunidade no Bairro da Flamengo

Dimensão	Média (\bar{x})	Desvio Padrão (DP)	Mínimo	Máximo
SCT_Total	1,4182	0,65914	0,21	3,00
Satisfação de Necessidades	1,4375	0,74709	0,00	3,00
Pertença	1,3899	0,69215	0,33	3,00
Influência	1,2946	0,70495	0,17	3,00
Ligação Emocional Partilhada	1,5506	0,69189	0,00	3,00

De forma global, o sentimento de comunidade entre os moradores do Bairro da Flamengo pode ser classificado como moderado, com uma média global de 1,42 numa escala de 0 a 3 (DP = 0,66). Este valor, situado na zona intermédia inferior da escala, sugere que, em média, os participantes sentem “um pouco” de ligação e pertença comunitária. A dispersão dos resultados revela, no entanto, uma diversidade expressiva de percepções, no qual, alguns moradores demonstram um sentimento forte e afirmativo de pertença, enquanto outros evidenciam uma relação mais frágil e distanciada com o espaço comunitário.

Analisando as quatro dimensões individualmente, a percepção dos moradores manifesta-se da seguinte forma:

- Ligação Emocional Partilhada surge como a dimensão mais elevada ($\bar{x} = 1,55$). Este resultado sugere que os laços afetivos e o sentido de história e continuidade partilhada permanecem vivos entre os moradores. As narrativas de vida, as memórias comuns e as

pequenas redes de solidariedade quotidiana parecem constituir o alicerce mais consistente do sentimento comunitário na Flamengo.

- Satisfação de Necessidades apresenta uma média ligeiramente inferior ($\bar{x} = 1,44$), indicando que, embora existam redes de apoio mútuo, muitos moradores ainda percebem carências em termos de recursos, serviços ou oportunidades que satisfaçam plenamente as suas necessidades coletivas.
- Pertença situa-se num patamar próximo ($\bar{x} = 1,39$), refletindo uma identificação parcial com o bairro. Os resultados sugerem que, apesar de existirem laços de vizinhança e reconhecimento mútuo, persistem sentimentos de exclusão simbólica ou de estigma social que fragilizam a identificação plena com o território.
- Por fim, Influência é a dimensão com pontuação mais baixa ($\bar{x} = 1,29$), indicando que os moradores se sentem com pouca capacidade de interferir nas decisões que afetam o seu bairro. Este resultado merece particular atenção, pois remete para questões de empowerment e participação cívica, dimensões fundamentais da Psicologia Comunitária que, quando enfraquecidas, limitam o potencial transformador das comunidades locais.

Análise Inferencial

Depois de delineada a caracterização geral do sentimento de comunidade no Bairro da Flamengo, a análise avançou para uma etapa inferencial, com o intuito de compreender como diferentes características sociodemográficas e contextuais se relacionam com as percepções individuais de comunidade. Esta etapa procurou dar resposta à segunda questão de investigação (Q2):

“De que forma é que as variáveis sociodemográficas e contextuais dos moradores se relacionam com a percepção do seu sentimento de comunidade?”

A natureza dos dados, bem como os resultados dos testes de normalidade (Shapiro-Wilk), justificaram o uso de testes não paramétricos, nomeadamente o coeficiente de correlação de Spearman, uma vez que duas das dimensões centrais (Pertença e Influência) não apresentavam distribuição normal. Esta opção metodológica assegurou maior consistência e robustez estatística, respeitando as características empíricas do conjunto de dados.

Relações com Variáveis de Escala (Correlação de Spearman)

A análise das correlações revelou um conjunto de padrões subtis, mas significativos, que permitem compreender melhor as dinâmicas internas da comunidade.

Foi calculada a Correlação de Spearman (ρ) para avaliar a intensidade e a direção da relação entre o SCT e as variáveis de escala, nomeadamente Idade, Agregado Familiar e Tempo de Residência. Os resultados estão resumidos na Tabela 5 (adaptada da matriz completa (Anexo B) para incluir apenas as correlações mais relevantes).

Tabela 5

Relações com Variáveis de Escala (Correlação de Spearman)

Variável	SC_Total (r)	p-value	SC_Satisfação (r)	p-value	SC_Influência (r)	p-value
Idade	-0.064	0.641	-0.067	0.624	-0.075	0.581
Agregado Familiar	0.000	0.998	-0.007	0.962	0.003	0.982
Tempo de Residência	0.072	0.607	0.125	0.373	-0.028	0.845

Os resultados obtidos através da correlação de Spearman indicam que o sentimento de comunidade (SC Total) e as suas diferentes dimensões não demonstram qualquer relação estatisticamente significativa com variáveis como a idade ($p > 0,581$), o tamanho do agregado familiar ($p > 0,962$) ou o tempo de residência no Bairro da Flamenga ($p > 0,373$).

Esta constatação revela algo particularmente relevante: a perceção de pertença e ligação à comunidade parece não depender nem da antiguidade no bairro, nem da etapa do ciclo de vida em que os residentes se encontram. Em outras palavras, o sentimento de comunidade manifesta-se de forma relativamente transversal, sugerindo que a vivência comunitária na Flamenga se constrói mais pela qualidade das relações e experiências partilhadas do que pela mera passagem do tempo ou pela configuração familiar.

Correlações Contextuais Significativas

Apesar de não terem sido identificadas relações diretas entre o sentimento de comunidade e as variáveis de escala, surgiram algumas correlações negativas estatisticamente significativas entre variáveis contextuais, que importa destacar para uma leitura mais profunda da realidade social do bairro.

Verificou-se uma correlação negativa forte e significativa entre o género e o tempo de residência ($r = -0,468$, $p < 0,001$), o que sugere que um dos grupos de género, provavelmente o feminino, tende a residir há menos tempo no Bairro da Flamenga. Este resultado poderá refletir dinâmicas familiares e habitacionais específicas, como processos de realojamento, mudanças

associadas à constituição de novos agregados ou à mobilidade residencial que caracteriza alguns segmentos da população feminina.

De forma semelhante, observou-se uma correlação negativa significativa entre a naturalidade e o tempo de residência ($r = -0,399$, $p = 0,004$). Tal indica que os residentes nascidos fora de Portugal tendem a ter uma presença mais recente no bairro, o que está em consonância com o carácter multicultural e dinâmico da Flamenga. Este dado sugere uma comunidade em construção contínua, onde diferentes origens e trajetórias se cruzam e, gradualmente, dão origem a novas formas de pertença e de ligação ao território.

Comparação de Médias por Grupos Categóricos (Teste U de Mann-Whitney)

O Teste U de Mann-Whitney foi realizado para comparar o sentimento de comunidade entre grupos categóricos (Anexo C).

O teste foi aplicado para verificar se existiam diferenças significativas entre os participantes do género feminino (N=39) e masculino (N=16).

Tabela 6

Comparação do sentimento de comunidade por género

Dimensão	Posto Médio Mais Elevado	p-value (sig.)	Conclusão
SCT_Total	Feminino (28,04)	0,978	Não Significativo
Satisfação	Feminino (29,09)	0,429	Não Significativo
Pertença	Masculino (30,31)	0,491	Não Significativo
Influência	Masculino (28,72)	0,830	Não Significativo
Ligação Emocional	Feminino (29,06)	0,440	Não Significativo

O Teste U de Mann-Whitney não revelou diferenças estatisticamente significativas no sentimento de comunidade total, nem em nenhuma das suas quatro dimensões, entre participantes de diferentes géneros ($p > 0,429$ em todos os casos).

Embora os postos médios apresentem ligeiras variações, estas parecem resultar apenas do acaso, não existindo evidência suficiente para sustentar uma distinção real na perceção de comunidade entre homens e mulheres.

Este resultado sugere que, no contexto da Flamenga, o género não constitui um fator diferenciador relevante na forma como os moradores experienciam o seu sentimento de pertença ou ligação ao bairro.

Posteriormente, o mesmo teste foi aplicado com o intuito de comparar o sentimento de comunidade entre dois grupos distintos: os moradores que afirmaram participar em atividades comunitárias e aqueles que declararam não o fazer:

Tabela 7

Comparação do sentimento de comunidade por participantes em atividades comunitárias

Dimensão	p-value (sig.)	Conclusão (p<0.05)
SC_Total	0,119	Não significativo
Satisfação	0,301	Não significativo
Pertença	0,117	Não significativo
Ligação Emocional	0,144	Não significativo
Influência	0,073	Tendência forte

Os resultados do teste indicaram que, de forma geral, não se observaram diferenças estatisticamente significativas no sentimento de comunidade total entre os residentes que participam em atividades comunitárias e aqueles que não o fazem.

Ainda assim, emergiu uma tendência particularmente relevante na dimensão *Influência* ($p = 0,073$). Esta aproximação à significância estatística, reforçada pelo valor negativo do z ($Z = -1,793$), sugere que os participantes com menor envolvimento nas dinâmicas locais tendem a perceber-se como tendo uma capacidade mais reduzida de influenciar as decisões que afetam o bairro.

Este dado, embora sutil, aponta para uma relação empiricamente consistente entre o grau de participação cívica e o sentimento de *empowerment* percebido, revelando-se um elemento de especial interesse para a reflexão e discussão sobre os processos de implicação comunitária no contexto da Flamengo.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo compreender a percepção dos moradores do Bairro da Flamengo relativamente ao seu sentimento de comunidade, recorrendo à Escala de Sentimento de Comunidade (SCI-2) de Chavis, Lee e Acosta (2008), fundamentada no modelo teórico de McMillan e Chavis (1986). Este modelo conceptualiza o sentimento de comunidade como uma experiência psicológica multifacetada, composta por quatro dimensões interligadas: Satisfação de Necessidades, Pertença, Influência e Ligação Emocional Partilhada; que, em conjunto, refletem a forma como os indivíduos se sentem integrados, valorizados e emocionalmente ligados ao seu contexto comunitário.

De um modo geral, os resultados revelaram um nível moderado de sentimento de comunidade entre os residentes da Flamengo, com uma média global de 1,42 numa escala de 0 a 3. Este valor sugere que, embora exista um certo grau de pertença e ligação emocional, há ainda espaço para fortalecer a coesão social e a participação ativa.

A leitura destes dados adquire especial relevância quando contextualizada num território marcado por forte estabilidade residencial, diversidade cultural e histórico de realojamento social. A conjugação entre os resultados quantitativos e a análise psicossocial permite compreender de forma mais ampla os mecanismos que sustentam e limitam o sentimento de comunidade neste bairro.

Esta tendência está em consonância com estudos prévios que apontam para a predominância de dimensões afetivas, mais do que participativas, em contextos urbanos de habitação social (Pretty, Bishop, Fisher & Sonn, 2006; Talò, Mannarini & Rochira, 2014).

Do ponto de vista metodológico, o estudo confirmou a validade estrutural da escala utilizada. A análise fatorial exploratória manteve a solução teórica de quatro fatores, que explicaram 77% da variância total, e a consistência interna revelou-se excelente (α total = 0,968; subescalas entre 0,89 e 0,93). Estes resultados evidenciam a robustez psicométrica do SCI-2 no contexto português, confirmando a sua adequação para avaliar a percepção subjetiva do sentimento de comunidade em populações urbanas. Estes resultados alinham-se com os obtidos em outros contextos internacionais (Peterson et al., 2008; Talò et al., 2014).

A análise descritiva das dimensões do sentimento de comunidade evidencia algumas diferenças relevantes. A Ligação Emocional Partilhada registou os valores médios mais elevados ($M = 1,55$; $DP = 0,69$), o que indica que a história partilhada, os laços interpessoais e o reconhecimento mútuo entre vizinhos continuam a desempenhar um papel determinante na coesão

social da Flamenga. Este resultado é coerente com o elevado grau de estabilidade residencial verificado, mais de 70% dos participantes vivem há mais de uma década no bairro, o que, segundo Pretty et al. (2006), constitui um fator fundamental para a consolidação de vínculos afetivos e identitários.

A permanência prolongada e o convívio contínuo tendem a reforçar o sentimento de pertença emocional e a promover uma memória social comum, frequentemente associada ao bem-estar psicológico e à coesão comunitária (Mannarini & Fedi, 2009; Obst & White, 2004). Mesmo em contextos socioeconômicos adversos, os laços interpessoais podem funcionar como mecanismos protetores face ao isolamento social e ao estigma frequentemente associado aos bairros de habitação social (Ornelas, 2008; Nelson & Prilleltensky, 2010).

Em convergência com o estudo de Francis, Giles-Corti, Wood e Knuiman (2012), que demonstrou a importância da qualidade e da vivência dos espaços públicos para o fortalecer do sentimento de comunidade, os resultados do Bairro da Flamenga sugerem que as interações quotidianas em locais partilhados têm um papel essencial na coesão social. Para estes autores, os espaços públicos funcionam como “infraestruturas sociais”, fomentando o sentimento de pertença e o reconhecimento mútuo.

Esta leitura é particularmente relevante no Bairro da Flamenga, onde a Ligação Emocional Partilhada apresentou a média mais elevada, indicando que a convivência em pátios, zonas de lazer e espaços informais contribui significativamente para a criação de vínculos afetivos e de uma identidade coletiva positiva. Assim, a requalificação participada dos espaços comuns, pautada pela inclusão e acessibilidade, pode constituir uma estratégia eficaz para reforçar o sentimento de pertença, o bem-estar psicológico e a resiliência comunitária neste território.

A segunda dimensão com valores mais elevados foi a Satisfação de Necessidades ($M = 1,44$; $DP = 0,75$), refletindo a perceção dos moradores de que a comunidade oferece algum nível de recursos e apoio para satisfazer necessidades pessoais e coletivas. Apesar das limitações socioeconômicas inerentes ao contexto, esta perceção positiva indica a existência de redes de suporte e de ajuda.

Tal como argumentam Chavis e Wandersman (1990), em contextos urbanos de vulnerabilidade, as redes informais desempenham um papel fundamental no bem-estar dos moradores. No caso da Flamenga, as relações de confiança e reciprocidade parecem compensar parcialmente as fragilidades estruturais, funcionando como uma forma de interdependência social e comunitária.

Em contraste, as dimensões de Pertença ($M = 1,39$; $DP = 0,69$) e de Influência ($M = 1,29$; $DP = 0,70$) apresentaram valores ligeiramente inferiores, sugerindo desafios no domínio da identidade coletiva e do poder de participação. A Pertença, entendida como o sentimento de identificação e aceitação dentro do grupo, é fortemente condicionada por fatores simbólicos e contextuais.

A diversidade cultural e étnica do Bairro da Flamenga, onde cerca de um quarto dos residentes nasceu fora de Portugal, representa simultaneamente uma riqueza e um desafio à coesão identitária. Mannarini e Rochira (2014) referem que a coexistência de múltiplas identidades culturais pode originar uma “comunidade emocionalmente fragmentada”, em que os limites de pertença são múltiplos e, por vezes, ambíguos. Contudo, a média obtida nesta dimensão sugere a presença de uma base comum de reconhecimento e de convivência positiva, ainda que não uniforme.

A Influência, dimensão com o valor médio mais baixo, requer uma análise particular. Os resultados sugerem que os moradores sentem limitada a sua capacidade de intervir nas decisões que afetam a vida comunitária, o que é consistente com estudos em contextos de habitação social (Peterson et al., 2008).

McMillan e Chavis (1986) destacam que a perceção de influência é um pilar essencial da coesão comunitária, na medida em que reforça o compromisso e a responsabilidade dos indivíduos face ao grupo. A ausência desta perceção pode traduzir um défice de *empowerment*, que, segundo Perkins e Zimmerman (1995), fragiliza o desenvolvimento de práticas participativas e sustentáveis. A tendência estatística observada neste estudo, no qual, os indivíduos menos envolvidos reportam menores níveis de influência, reforça a ligação entre participação cívica e *empowerment* comunitário.

Esta conclusão vai de encontro com o trabalho de Carvalho (2018), que, ao analisar o Bairro do Sobreiro, identificou uma estrutura semelhante: fortes vínculos afetivos e reduzida perceção de influência. A autora sublinha que, apesar da estabilidade residencial e da convivência prolongada, a falta de oportunidades formais de participação limita o empoderamento coletivo.

A mesma constatação é feita por Elvas (2009), no estudo sobre o Bairro da Horta Nova, onde coexistem laços emocionais sólidos e fraca participação cívica. Estas convergências apontam para a necessidade de práticas de intervenção que, além de reforçarem a identidade e a coesão simbólica, ampliem os espaços de decisão e corresponsabilidade comunitária.

Resultados semelhantes foram também encontrados por Elvas (2009), no estudo sobre o Bairro da Horta Nova, um contexto de realojamento social com características próximas às do Bairro da Flamenga. A autora verificou que, apesar de existir um sentimento de pertença e apreciação pelo espaço habitado, os moradores revelavam níveis reduzidos de participação cívica e

limitada percepção de influência nas decisões comunitárias. Tal como neste estudo, Elvas destaca a coexistência entre fortes vínculos afetivos e uma frágil estrutura de participação formal, evidenciando a necessidade de estratégias de intervenção que potenciem o empoderamento e a ação coletiva nos bairros sociais portugueses.

De forma interessante, não foram identificadas diferenças significativas no sentimento de comunidade em função do género, idade ou tempo de residência. Tal sugere que o sentimento de pertença e de ligação comunitária é um fenómeno transversal, moldado mais por dinâmicas relacionais do que por variáveis demográficas. Ainda assim, a ausência de correlação entre o tempo de residência e o sentimento de comunidade evidencia o chamado “paradoxo da estabilidade”, segundo o qual a continuidade espacial, por si só, não garante coesão social.

Christens (2012) e Talò et al. (2014) defendem que o enraizamento temporal precisa ser acompanhado por envolvimento efetivo e sentido de agência coletiva para se traduzir em pertença psicológica. Este raciocínio é reforçado pela correlação negativa entre naturalidade e tempo de residência, sugerindo desafios à integração plena de novos grupos e a importância de políticas locais que promovam o diálogo intercultural.

A tendência marginal de significância observada na dimensão de Influência ($p = 0,073$) reforça esta interpretação: a participação ativa, mais do que a mera permanência, é determinante para o fortalecimento do sentimento de comunidade. A participação em grupos, associações ou eventos locais tende a elevar a percepção de influência e a fortalecer os laços entre vizinhos, tal como demonstrado por estudos internacionais que relacionam o envolvimento cívico com o bem-estar psicológico e a coesão social (Christens, 2012; Perkins & Long, 2002). Assim, promover a participação e o *empowerment* dos moradores constitui uma via crucial para a construção de comunidades mais sustentáveis e solidárias.

Estes resultados remetem para o que Peterson et al. (2006) designam como “paradoxo da comunidade urbana estabilizada”, no qual existem a continuidade e a proximidade, mas falta a influência e a participação. A intervenção comunitária deve, portanto, centrar-se em processos de empoderamento que deem voz e poder de decisão aos moradores, transformando o vínculo afetivo, já consolidado, em ação coletiva e cidadania ativa.

A relevância prática destes resultados ultrapassa a dimensão teórica. Em contextos de habitação social, onde persistem desafios socioeconómicos e simbólicos, o fortalecimento do sentimento de comunidade é um fator-chave para o bem-estar coletivo e a inclusão social (Ornelas, 2008; Nelson & Prilleltensky, 2010). O nível moderado observado na Flamenga representa, assim, uma base sólida sobre a qual podem ser construídas estratégias de desenvolvimento comunitário.

Intervenções que promovam o diálogo intercultural, a corresponsabilidade e a gestão participada de espaços comuns podem potenciar tanto o sentimento de pertença como a percepção de influência (Perkins, Hughey & Speer, 2002).

Em síntese, o sentimento de comunidade emerge neste estudo como um recurso psicossocial protetor, promotor do suporte social e da identidade coletiva, com impacto direto no bem-estar psicológico. Tal como argumentam Pretty et al. (2006), comunidades coesas demonstram maior resiliência face às adversidades. Compreender as dinâmicas do sentimento de comunidade no Bairro da Flamenga permite, portanto, identificar potenciais de coesão e de resiliência a mobilizar por profissionais e instituições na promoção do bem-estar e da participação cidadã.

Apesar dos contributos desta investigação, importa reconhecer limitações metodológicas. O desenho transversal não permite inferir causalidades, impossibilitando determinar a direção das relações entre variáveis como participação e influência percebida.

A amostra de conveniência e de reduzida dimensão (N=56) limita a generalização dos resultados. Além disso, o uso exclusivo de instrumentos de autorrelato pode introduzir enviesamentos de desejabilidade social.

A nível metodológico, a análise fatorial exploratória, embora tenha confirmado a estrutura teórica, apresentou uma falha na convergência da rotação Varimax, sugerindo uma forte intercorrelação entre as subdimensões do sentimento de comunidade.

Estas limitações constituem, contudo, oportunidades para investigações futuras, que deverão privilegiar abordagens longitudinais e metodologias mistas (Montero, 2003), permitindo aprofundar as representações subjetivas dos moradores e incluir variáveis estruturais, como as políticas de gestão da habitação social.

Estudos comparativos entre bairros com diferentes níveis de participação e diversidade cultural poderão clarificar os fatores que favorecem ou dificultam a construção do sentimento de comunidade em contextos urbanos complexos. A integração de diferentes métodos de investigação permitirá compreender mais profundamente como o sentimento de comunidade se constrói, se transforma e se traduz em práticas concretas de solidariedade e participação.

Conclusões

A investigação realizada permitiu compreender de forma aprofundada as percepções dos moradores do Bairro da Flamenga relativamente ao seu sentimento de comunidade. Os resultados revelaram a coexistência de laços afetivos fortes com uma percepção reduzida de influência, refletindo um paradoxo frequente em comunidades urbanas: enquanto os vínculos interpessoais constituem uma importante fonte de identidade e pertença, os mecanismos formais de participação e de poder coletivo permanecem limitados.

Estes resultados reforçam a importância de compreender o sentimento de comunidade como um constructo multidimensional, que integra o vínculo emocional, a pertença, a satisfação de necessidades e a influência social (McMillan & Chavis, 1986; Peterson et al., 2008). A predominância da dimensão emocional indica que os residentes mantêm um sentido de identidade coletiva e de ligação simbólica ao bairro, ao passo que a menor percepção de influência revela desafios no domínio da participação e da governação local, sendo aspetos fundamentais para o *empowerment* comunitário (Prilleltensky, 2005; Perkins & Zimmerman, 1995).

A ausência de diferenças significativas no sentimento de comunidade em função do género, da idade ou do tempo de residência sugere que o sentido de pertença é um fenómeno transversal e essencialmente relacional, mais condicionado pelas dinâmicas sociais, históricas e culturais do que por características individuais (Sarason, 1974; Jason, Stevens & Ram, 2015). Ainda assim, a elevada estabilidade residencial e a diversidade cultural observadas conferem ao Bairro da Flamenga um carácter particular, enquanto espaço de convivência intercultural e de potencial resiliência comunitária.

O estudo confirmou a pertinência do modelo teórico de McMillan e Chavis (1986) e a validade do SCI-2 (Chavis, Lee & Acosta, 2008) no contexto português, demonstrando que as quatro dimensões propostas mantêm coerência conceptual e aplicabilidade em realidades de habitação social. A consistência psicométrica obtida reforça a utilidade deste instrumento em futuras investigações e diagnósticos comunitários, tanto para fins científicos como de intervenção social.

Apesar do contributo significativo deste estudo, investigações futuras poderão beneficiar de metodologias mistas que integrem abordagens qualitativas, permitindo explorar de forma mais profunda as experiências subjetivas dos moradores e os significados simbólicos associados à pertença e à identidade comunitária (Mannarini & Rochira, 2014). Esta abordagem poderá contribuir para uma compreensão mais rica dos processos psicossociais que sustentam o

sentimento de comunidade e para o desenvolvimento de estratégias de intervenção mais ajustadas à realidade local.

A relevância científica e social desta investigação é clara. Por um lado, contribui para o avanço da Psicologia Comunitária em Portugal, ao explorar empiricamente o sentimento de comunidade num contexto urbano multicultural e socialmente vulnerável. Por outro, oferece informação empírica valiosa para a formulação de políticas públicas e de estratégias de intervenção social, identificando dimensões prioritárias de ação — nomeadamente a necessidade de promover a participação, o empoderamento e o envolvimento dos residentes na vida do bairro.

A construção de comunidades mais participativas e solidárias requer políticas públicas sensíveis ao território, que reconheçam os cidadãos como coautores da mudança social (Nelson & Prilleltensky, 2010).

Este princípio é reforçado por estudos anteriores em contextos semelhantes, como os de Elvas (2009) e Carvalho (2018), que demonstram que o sentimento de comunidade pode emergir e consolidar-se mesmo em bairros socialmente estigmatizados. Em consonância com os resultados observados na Flamenga, estas investigações sublinham que a ligação emocional e o enraizamento territorial funcionam como fatores de proteção e de resistência social, ainda que a influência e a participação formal se mantenham dimensões frágeis que exigem investimento continuado.

O Bairro da Flamenga destaca-se, assim, como um território com elevado potencial comunitário. O fortalecimento das redes de vizinhança, a criação de espaços de decisão partilhada e o reconhecimento da diversidade cultural podem contribuir para um sentimento de comunidade mais pleno e sustentável.

A promoção de estratégias de intervenção participativas, baseadas na colaboração, na escuta ativa e na corresponsabilidade dos moradores, será essencial para transformar a coesão afetiva existente em ação coletiva e cidadania ativa (Perkins & Zimmerman, 1995; Nelson & Prilleltensky, 2010).

Em síntese, o sentimento de comunidade, enquanto experiência simultaneamente psicológica e social, constitui tanto um indicador de coesão como um instrumento de transformação social. A compreensão das suas dimensões permite não só diagnosticar o estado da vida comunitária, mas também inspirar processos de mudança orientados para a inclusão, o bem-estar e o fortalecimento da autonomia coletiva. Os resultados desta investigação demonstram que investir na comunidade é investir no bem-estar psicológico, na cidadania e na própria democracia participativa.

Referências Bibliográficas

- Antunes, G. (2018). *Políticas de Habitação: 200 Anos*. Caleidoscópio.
- Arquivo Municipal de Lisboa. (2009). *Habitação em Lisboa: Memória do GTH – 50 Anos* [Documentário]. Câmara Municipal de Lisboa, Videoteca Municipal de Lisboa. Retirado em 3 de outubro de 2025 de <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1648240&type=PCD>
- Bauman, Z. (2000). *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity Press.
- Carvalho, Fátima de Jesus Maciel da Silva (2018). *Olhar o Bairro a partir de dentro: estudo das percepções dos moradores do Bairro Social do Sobreiro*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório UP. Retirado em 20 de junho, 2025 em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/116721>
- Castells, M. (2010). *The Rise of the Network Society (2ª ed.)*. Blackwell Publishers.
- Chavis, D.M., Lee, K.S., & Acosta J.D. (2008). The Sense of Community (SCI) Revised: The Reliability and Validity of the SCI-2. *Paper presented at the 2nd International Community Psychology Conference*, Lisboa, Portugal.
- Chavis, D.M., Wandersman, A. (1990) Sense of community in the urban environment: A catalyst for participation and community development. *American Journal of Community Psychology*, 18, 55–81. <https://doi.org/10.1007/BF00922689>
- Christens, B.D. (2012), Toward Relational Empowerment. *American Journal of Community Psychology*, 50, 114-128. <https://doi.org/10.1007/s10464-011-9483-5>
- Cunha, O. O., Ornelas, J. e Moniz, M. J. V. (2018) Sentimento psicológico de comunidade: Estudo da escala SCI-2 num contexto Associativo. *Análise Psicológica*, 36 (4), 515-526. <http://doi.org/10.14417/ap.1362>
- Direção-Geral do Património Cultural (DGPC). (s.d.). *Bairro da Flamenga / Zona N1 de Cbelas* [Registo SIPA]. Retirado em 20 de junho de 2025 de http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=29705
- Elvas, S. e Moniz, M. J. V. (2010). Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida. *Análise Psicológica*, 28 (3), 451-464.
- Elvas, Susana Sofia Nobre Vaz de. (2009). *Sentimento de Comunidade e seus Contributos no Bairro da Horta Nova*. [Dissertação de mestrado, ISPA – Instituto Universitário]. Repositório ISPA. Retirado em 5 de julho, 2025 de <http://hdl.handle.net/10400.12/4042>

- Ferrão, J. (2016). Pessoas, casas e cidade: a trilogia de um arquiteto-cidadão. *Estudo Prévio*, (10). Retirado em 20 de setembro de 2025 de <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/27587>
- Francis, J., Giles-Corti, B., Wood, L., & Knuiam, M. (2012). Creating sense of community: The role of public space. *Journal of Environmental Psychology*, 32(4), 401–409, consultado em 20 de junho, 2025 através de <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2012.07.002>
- Heller, K. (1989). The return to community. *American Journal of Community Psychology*, 17, 1–15. <https://doi.org/10.1007/BF00931199>
- Hillery, G.A. (1955). Definitions of community: Areas of Agreement. *Rural Sociology*, 20, 111-123. Retirado em 20 junho, 2025 from EBSCOHost Academic Search Elite database.
- Instituto Nacional de Estatística (INE). (2022). *Censos 2021: Resultados Definitivos (População e Habitação)* [Base de dados de indicadores ao nível de Freguesia, Portugal]. Lisboa: INE, I.P. Consultado em 20 de setembro, 2025 em https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_produtos&xpid=CENSOS21&xlang=pt (Plataforma de divulgação)
- Jason, L.A., Stevens, E. and Ram, D. (2015), Development of a Three-factor Psychological Sense of Community Scale. *Journal of Community Psychology*, 43, 973-985. <https://doi.org/10.1002/jcop.21726>
- Junta de Freguesia de Marvila. (s.d.). *Bairro da Flamenga* [Página Web]. Retirado em 20 de junho de 2025 de <https://jf-marvila.pt/bairro-da-flamenga/>
- Kawachi, I., & Berkman, L. (2001). Social ties and mental health. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 78(3), 458–467. DOI: [10.1093/jurban/78.3.458](https://doi.org/10.1093/jurban/78.3.458)
- Lima, M. L., Marques, S., Bernardes, S., & Pereira, S. (2016). Os laços sociais como sementes de saúde. In M. L. Lima, J. M. Sobral, & P. M. F. Silveira e Sousa (Eds.), *Psicologia Social da Saúde – Volume 2* (pp. 11–14). Edições Sílabo. Retirado em 12 de outubro, 2025 de <https://static.fnac-static.com/multimedia/PT/pdf/9789726188681.pdf>
- Mannarini, T., & Fedi, A. (2009). Multiple senses of community: The experience and meaning of community. *Journal of Community Psychology*, 37 (2), 211–227. <https://doi.org/10.1002/jcop.20289>
- Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65–90. <https://doi.org/10.14417/lp.763>

- McMillan, D. W., & Chavis, D. M. (1986). Sense of community: A definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14 (1), 6–23. [https://doi.org/10.1002/1520-6629\(198601\)14:1<6::AID-JCOP2290140103>3.0.CO;2-I](https://doi.org/10.1002/1520-6629(198601)14:1<6::AID-JCOP2290140103>3.0.CO;2-I)
- Montero, M. (2003). *Teoría y práctica de la psicología comunitaria: La tensión entre comunidad y sociedad*. Buenos Aires: Paidós. Retirado em 15 setembro de https://centrodocumentacion.psicosocial.net/wp-content/uploads/2002/01/montero-m-teoria-y-practica-de-psicologia-comunitaria_1parte.pdf
- Nelson, G., & Prilleltensky, I. (2010). *Community psychology: In pursuit of liberation and well-being*. Palgrave Macmillan.
- Norris FH, Stevens SP, Pfefferbaum B, Wyche KF, Pfefferbaum RL. (2008). Community resilience as a metaphor, theory, set of capacities, and strategy for disaster readiness. *American Journal of Community Psychology*, 41(1-2), 127-50. doi:10.1007/s10464-007-9156-6
- Obst, P.L. and White, K.M. (2004), Revisiting the Sense of Community Index: A confirmatory factor analysis. *Journal of Community Psychology*, 32, 691-705. <https://doi.org/10.1002/jcop.20027>
- Ornelas, J. (1997). Psicologia comunitária Origens, fundamentos e áreas de intervenção. *Análise Psicológica*, 15 (3), 375–388. Retirado em 15 setembro de <https://scielo.pt/pdf/aps/v15n3/v15n3a02.pdf>
- Ornelas, J. (2008). *Psicologia Comunitária*. Lisboa: Fim de Século.
- Perkins, D. D., & Long, D. A. (2002). Neighborhood sense of community and social capital: A multi-level analysis. In A. T. Fisher, C. C. Sonn, & B. J. Bishop (Eds.), *Psychological sense of community: Research, applications, and implications* (pp. 291–318). Kluwer Academic/Plenum Publishers. https://doi.org/10.1007/978-1-4615-0719-2_15
- Perkins, D. D., Hughey, J., & Speer, P. W. (2002). Community Psychology Perspectives on Social Capital Theory and Community Development Practice. *Journal of the Community Development Society*, 33(1), 33-52. DOI:10.1080/15575330209490141
- Perkins, D. D. & Taylor R. B. (1996). Ecological assessment of community disorder. *American Journal of Community Psychology*, 24, 63-107. DOI:10.1007/BF02511883
- Perkins, D.D. and Zimmerman, M.A. (1995), Empowerment theory, research, and application. *American Journal of Community Psychology*, 23, 569-579. <https://doi.org/10.1007/BF02506982>

- Peterson, N. A., Speer, P. W., & McMillan, D. W. (2008). Validation of a brief sense of community scale: Confirmation of the principal theory of sense of community. *Journal of Community Psychology*, 36(1), 61–73. <https://doi.org/10.1002/jcop.20217>
- Peterson, N.A., Speer, P.W. and Hughey, J. (2006). Measuring sense of community: A methodological interpretation of the factor structure debate. *Journal of Community Psychology*, 34, 453-469. <https://doi.org/10.1002/jcop.20109>
- Pretty, G. M. H., Bishop, B. J., Fisher, A. T., & Sonn, C. C. (2006). Psychological sense of community and its relevance to well-being and everyday life in Australia. *The Australian Community Psychologist*, 18(2), 28–34. Retirado em 5 de julho, 2025 de [https://groups.psychology.org.au/Assets/Files/19\(2\)_07_Pretty_etal.pdf](https://groups.psychology.org.au/Assets/Files/19(2)_07_Pretty_etal.pdf)
- Putnam, R.D. (1995). Bowling Alone: America's Declining Social Capital. *Journal of Democracy*, 6(1), 65-78. <https://dx.doi.org/10.1353/jod.1995.0002>
- Rappaport, J. (1987). Terms of empowerment/exemplars of prevention: Toward a theory for community psychology. *American Journal of Community Psychology*, 15(2), 121–148. DOI:10.1007/BF00919275
- Sarason, S. (1974). *The Perception and Conception of a Community. The Psychological Sense of Community: Prospects for a Community Psychology*. (130 - 160). San Francisco: Jossey-Bass.
- Talò, C., Mannarini, T., & Rochira, A. (2014). Sense of community and community participation: A meta-analytic review. *Social Indicators Research*, 117(1), 1–28. <https://doi.org/10.1007/s11205-013-0347-2>
- Wacquant, L. (2007). *Os Condenados da Cidade: Estudos sobre a Exclusão Social nas Metrôpoles*. Rio de Janeiro: Revan. Retirado em 25 de setembro, 2025 de <https://www.observatoriodasmetrololes.net.br/wp-content/uploads/2020/08/wacquant-os-condenados-da-cidade.pdf>

Anexo A

Questionário com base na Escala de Sentimento de Comunidade Revista (SCI-2)

Caro participante,

O presente estudo insere-se no âmbito da dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica do Instituto Universitário de Ciências Psicológicas (ISPA), sob a responsabilidade da aluna Marina Santos e a orientação do Professor Doutor José Ornelas. Assim, estamos a convidar todos os moradores do Bairro da Flamenga a participar neste estudo sobre o que sentem em relação à sua comunidade e ao seu bairro.

Para que serve este estudo?

Queremos perceber como os moradores se sentem em relação ao seu bairro – se sentem que pertencem, se se ajudam uns aos outros, e como é a ligação entre vizinhos. As respostas vão ajudar-nos a conhecer melhor o bairro e a pensar em formas de melhorar a vida na comunidade.

O que vai ser pedido?

Vamos pedir-lhe que preencha um questionário com algumas perguntas simples sobre o que sente em relação ao bairro. Demora só entre 5 a 10 minutos. As respostas são anónimas e não serão recolhidos dados que permitam identificá-lo/a pessoalmente.

Que riscos e benefícios existem?

Só lhe pedimos para pensar e responder com sinceridade. Algumas perguntas podem fazê-lo/a pensar sobre coisas pessoais ou sobre o bairro, mas não há riscos associados. A sua participação ajuda a melhorar o conhecimento sobre o bairro e pode contribuir para mudanças positivas.

Anonimato e Confidencialidade

Todas as respostas serão tratadas de forma confidencial e anónima. Tudo o que disser será usado apenas para este estudo e nunca será associado ao seu nome. Os dados vão ser usados apenas para fins académicos.

Participação Voluntária

A sua participação é completamente voluntária. Poderá recusar-se a responder a qualquer pergunta ou abandonar o estudo a qualquer momento, sem necessidade de justificação e sem qualquer consequência.

Consentimento

Declaro que fui informado/a sobre os objetivos e procedimentos deste estudo e que compreendi as informações fornecidas e concordo voluntariamente em participar e autorizo a utilização dos dados recolhidos para fins científicos. Sei que posso desistir a qualquer momento sem prejuízo.

Aceito participar neste estudo e autorizo a utilização das minhas respostas, de forma anónima, para fins académicos e científicos.

Assinatura do/a Participante: _____

Data: ____ / ____ / _____

Obrigado pela sua participação!

Se tiver dúvidas, pode contactar-nos: 12408@alunos.ispa.pt

Índice de Sentido de Comunidade II (SCI-2)

Este questionário faz parte de um estudo quantitativo sobre o sentimento de comunidade no Bairro da Flamenga. As suas respostas são confidenciais e servirão apenas para fins académicos.

Por favor, responda com sinceridade. Não existem respostas certas ou erradas.

Parte I – Sentimento de Comunidade

Indique até que ponto concorda ou discorda com as seguintes afirmações em relação à sua experiência no Bairro da Flamenga, assinalando com uma cruz na caixa correspondente.

Quão importante é para si, sentir um sentido de comunidade com outros membros da comunidade?

1	2	3	4	5	6
Prefiro não fazer parte da comunidade	Nada importante	Pouco importante	Mais ou menos importante	Importante	Muito importante

Até que ponto cada uma das seguintes afirmações representa aquilo que sente relativamente a esta comunidade?

	Nada	Um pouco	Bastante	Completamente
1. Consigo satisfazer necessidades importantes por fazer parte desta comunidade.				
2. Os membros desta comunidade e eu valorizamos as mesmas coisas.				
3. Esta comunidade tem sido eficaz em satisfazer as necessidades dos seus membros.				
4. Pertencer a esta comunidade faz-me sentir bem.				
5. Quando tenho um problema, posso falar com membros desta comunidade.				
6. As pessoas nesta comunidade têm necessidades, prioridades e objetivos semelhantes.				
7. Posso confiar nas pessoas desta comunidade.				
8. Reconheço a maioria dos membros desta comunidade.				
9. A maioria dos membros da comunidade conhece-me.				
10. Esta comunidade possui símbolos e expressões de pertença como vestuário, sinais,				

arte, arquitetura, logótipos, marcos e bandeiras que as pessoas reconhecem.				
11. Invisto muito tempo e esforço em fazer parte desta comunidade.				
12. Ser membro desta comunidade faz parte da minha identidade.				
13. Integrar-me nesta comunidade é importante para mim.				
14. Esta comunidade tem capacidade para influenciar outras comunidades.				
15. Preocupo-me com o que os outros membros da comunidade pensam de mim.				
16. Tenho influência sobre a forma como esta comunidade é.				
17. Se existir um problema nesta comunidade, os membros conseguem resolvê-lo.				
18. Esta comunidade tem bons líderes.				
19. É muito importante para mim pertencer a esta comunidade.				
20. Estou frequentemente com outros membros da comunidade e gosto da sua companhia.				
21. Espero continuar a fazer parte desta comunidade durante muito tempo.				

22. Os membros desta comunidade partilharam eventos importantes, como feriados, celebrações ou catástrofes.				
23. Sinto-me esperançoso quanto ao futuro desta comunidade.				
24. Os membros desta comunidade preocupam-se uns com os outros.				

Parte II – Dados Demográficos

As perguntas seguintes destinam-se apenas a fins estatísticos e serão tratadas com total anonimato e confidencialidade. A resposta é opcional para todas as questões.

1. Idade: _____ anos
2. Sexo:
 - Masculino Feminino Outro: _____
 - Prefiro não responder
3. Estado civil:
 - Solteiro/a Casado/a ou união de facto Divorciado/a Viúvo/a
 - Prefiro não responder
4. Número de pessoas no agregado familiar: _____
5. Naturalidade (Distrito onde nasceu): _____
6. Nacionalidade: _____
7. Tempo de residência no Bairro da Flamenga:
 - Menos de 1 ano 1–5 anos 6–10 anos Mais de 10 anos
8. Tipo de habitação:
 - Propriedade Arrendamento Habitação social Outro:
 - _____

9. Participa em atividades comunitárias no bairro?

Sim Não

10. Se respondeu 'Sim', quais? (pode assinalar mais do que uma):

Associações Eventos culturais Igreja Desporto Outro:

11. Com que frequência participa nessas atividades?

Regularmente Ocasionalmente Raramente Nunca

Anexo B

Tabela de relações com variáveis de escala (Correlação de Spearman)

Método de Spearman		SCT_Total	SCT_Satisfação	SCT_Perfencia	SCT_Influencia	SCT_Ligacaoemocional	Idade	Gênero	AgregadoFamiliar	Naturalidade	Tipohabitafção	TempoResidência	Ativ_comunidade
Coeficiente de Correlação		1,000	,896**	,928**	,936**	,875**	-,064	-,047	,000	,162	,172	,072	-,212
	Sig. (2 extremidades)	.	<,001	<,001	<,001	<,001	,641	,730	,998	,251	,219	,607	,120
Coeficiente de Correlação		,56	,56	,56	,56	,56	,56	,56	,55	,52	,53	,53	,55
	Sig. (2 extremidades)	,896**	1,000	,755**	,796**	,774**	-,067	-,105	-,007	,118	,193	,125	-,141
Coeficiente de Correlação		<,001	.	<,001	<,001	<,001	,624	,441	,962	,406	,166	,373	,305
	Sig. (2 extremidades)	,56	,56	,56	,56	,56	,56	,56	,55	,52	,53	,53	,55
Coeficiente de Correlação		,928**	,755**	1,000	,898**	,709**	-,056	,041	,037	,111	,187	,028	-,213
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001	.	<,001	<,001	,684	,763	,786	,433	,179	,842	,118
Coeficiente de Correlação		,56	,56	,56	,56	,56	,56	,56	,55	,52	,53	,53	,55
	Sig. (2 extremidades)	,936**	,796**	,898**	1,000	,768**	-,075	-,023	,003	,174	,164	-,028	-,244
Coeficiente de Correlação		<,001	<,001	<,001	.	<,001	,581	,869	,982	,218	,241	,845	,073
	Sig. (2 extremidades)	,56	,56	,56	,56	,56	,56	,56	,55	,52	,53	,53	,55
Coeficiente de Correlação		,875**	,774**	,709**	,768**	1,000	-,070	-,138	-,013	,175	,128	,083	-,199
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001	<,001	<,001	.	,607	,311	,927	,215	,360	,556	,145
Coeficiente de Correlação		,56	,56	,56	,56	,56	,56	,56	,55	,52	,53	,53	,55
	Sig. (2 extremidades)	-,064	-,067	-,056	-,075	-,070	1,000	,043	-,053	,097	-,088	,056	-,115
Coeficiente de Correlação		,641	,624	,684	,581	,607	.	,752	,703	,492	,532	,690	,405
	Sig. (2 extremidades)	,56	,56	,56	,56	,56	,56	,56	,55	,52	,53	,53	,55
Coeficiente de Correlação		-,047	-,105	,041	-,023	-,138	,043	1,000	-,013	,027	,001	-,468**	,063
	Sig. (2 extremidades)	,730	,441	,763	,869	,311	,752	.	,926	,847	,995	<,001	,649
Coeficiente de Correlação		,56	,56	,56	,56	,56	,56	,56	,55	,52	,53	,53	,55
	Sig. (2 extremidades)	,000	-,007	,037	,003	-,013	-,053	-,013	1,000	-,066	-,086	,015	-,209
Coeficiente de Correlação		,988	,962	,786	,982	,927	,703	,926	.	,644	,542	,917	,126
	Sig. (2 extremidades)	,55	,55	,55	,55	,55	,55	,55	,55	,52	,53	,53	,55
Coeficiente de Correlação		,162	,118	,111	,174	,175	,097	,027	-,066	1,000	,250	-,399**	-,186
	Sig. (2 extremidades)	,251	,406	,433	,218	,215	,492	,847	,644	.	,077	,004	,188
Coeficiente de Correlação		,52	,52	,52	,52	,52	,52	,52	,52	,52	,51	,50	,52
	Sig. (2 extremidades)	,172	,193	,187	,184	,128	-,088	,001	-,086	,250	1,000	-,114	,236
Coeficiente de Correlação		,219	,166	,179	,241	,360	,532	,995	,542	,077	.	,419	,088
	Sig. (2 extremidades)	,53	,53	,53	,53	,53	,53	,53	,53	,51	,53	,52	,53
Coeficiente de Correlação		,072	,125	,028	-,028	,083	,056	-,468**	,015	-,399**	-,114	1,000	,139
	Sig. (2 extremidades)	,607	,373	,842	,845	,556	,690	<,001	,917	,004	,419	.	,320
Coeficiente de Correlação		,53	,53	,53	,53	,53	,53	,53	,53	,50	,52	,53	,53
	Sig. (2 extremidades)	-,141	-,141	-,213	-,244	-,199	-,115	,063	-,209	-,186	,236	,139	1,000
Coeficiente de Correlação		,120	,305	,118	,073	,145	,405	,649	,126	,188	,088	,320	.
	Sig. (2 extremidades)	,55	,55	,55	,55	,55	,55	,55	,55	,52	,53	,53	,55

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Anexo C

Tabela de comparação de médias por grupos categóricos (Teste U de Mann-Whitney)

Estadísticas de teste^a

	SCT_Total	SCT_Satisfacao	SCT_Pertenca	SCT_Influencia	SCT_Ligacaoemocional
U de Mann-Whitney	310,500	269,500	275,000	300,500	270,500
Wilcoxon W	446,500	405,500	1055,000	1080,500	406,500
Z	-,028	-,791	-,689	-,214	-,773
Significância Sig. (2 extremidades)	,978	,429	,491	,830	,440

a. Variável de Agrupamento: Género

Postos

	Género	N	Posto médio	Soma de Classificações
SCT_Total	Feminino	39	28,04	1093,50
	Maculino	16	27,91	446,50
	Total	55		
SCT_Satisfacao	Feminino	39	29,09	1134,50
	Maculino	16	25,34	405,50
	Total	55		
SCT_Pertenca	Feminino	39	27,05	1055,00
	Maculino	16	30,31	485,00
	Total	55		
SCT_Influencia	Feminino	39	27,71	1080,50
	Maculino	16	28,72	459,50
	Total	55		
SCT_Ligacaoemocional	Feminino	39	29,06	1133,50
	Maculino	16	25,41	406,50
	Total	55		

Estadísticas de teste^a

	SCT_Total	SCT_Satisfacao	SCT_Pertenca	SCT_Influencia	SCT_Ligacaoemocional
U de Mann-Whitney	267,000	297,500	267,000	254,000	273,000
Wilcoxon W	498,000	528,500	498,000	485,000	504,000
Z	-1,560	-1,035	-1,567	-1,793	-1,462
Significância Sig. (2 extremidades)	,119	,301	,117	,073	,144

a. Variável de Agrupamento: Ativ_comunidade

Postos

	Ativ_comunidade	N	Posto médio	Soma de Classificações
SCT_Total	Sim	34	30,65	1042,00
	Não	21	23,71	498,00
	Total	55		
SCT_Satisfacao	Sim	34	29,75	1011,50
	Não	21	25,17	528,50
	Total	55		
SCT_Pertenca	Sim	34	30,65	1042,00
	Não	21	23,71	498,00
	Total	55		
SCT_Influencia	Sim	34	31,03	1055,00
	Não	21	23,10	485,00
	Total	55		
SCT_Ligacaoemocional	Sim	34	30,47	1036,00
	Não	21	24,00	504,00
	Total	55		